

NOVO

JORNAL

04 **RODA VIVA**

NATAL PERDE
INDÚSTRIA DE
EMBALAGENS
TRANSPLANTADAS
PARA MOSSORÓ

09 **CIDADES**

A ponte ainda é de poucos

Dois anos depois, a ponte Newton Navarro não conseguiu cumprir as promessas de crescimento econômico e melhoria do sistema viário da capital.



ARGEMIRO LIMA/NU

05 **POLÍTICA**

Para Agnelo, racha no PMDB pode acabar com os Alves



WALLACE ARAÚJO/NU

02 **ÚLTIMAS**

A fé renovada

Mais de 30 mil fiéis acompanharam ontem a missa da padroeira Nossa Senhora da Apresentação, no Passo da Pátria

02 **ÚLTIMAS**

TIAGO LIMA/NU

O motorista de um Opala, com placas de São Paulo, morreu carbonizado ontem depois que o veículo bateu num ônibus e pegou fogo na avenida Salgado Filho. Ele cortou o sinal vermelho.

06 **OPINIÃO**

Franklin Jorge estreia seu "Jornal" falando de literatura e François Silvestre de Alencar, no "Plural", defende o bom jornalismo.

TÚLIO RATTO

R\$ 785 MILHÕES
PARA COMPRA DE
NOVOS NOTEBOOKS
PARA OS SENADORES.



Túlio Ratto

15 **ESPORTES**

Moura é conterrâneo

Brasiliense, o ex-jogador do América Carlos Moura, agora cidadão potiguar, fala da carreira.

12 **MIDWAY MALL**

Louco por quadrinhos

Um vendedor de livros pouco comum: Adriano da Costa é fanático por quadrinhos.

| TRÂNSITO | Motorista de Opala morre carbonizado e cinco passageiros

Carro bate em ônibus, explode e mata motorista



TIAGO LIMA/NU

Policiais de trânsito interromperam o tráfego por mais de uma hora remover os veículos e atender as vítimas

Fábio Farias, do Novo Jornal

UM ACIDENTE GRAVE aconteceu na madrugada por volta das 4h de ontem no cruzamento entre a Avenida Salgado Filho com a Avenida Bernardo Vieira em frente ao shopping Midway Mall. Um Opala placas CID 6314/SP bateu contra um ônibus que fazia o frete para a empresa Vicunha Têxtil. A força da batida provocou uma explosão, o motorista do Opala morreu carbonizado. Os cinco passageiros do ônibus tiveram ferimentos leves.

Segundo um segurança que presenciou o acidente e não quis se identificar, o Opala vinha em alta velocidade na Salgado Filho, sentido Centro-Ponta Negra, quando o condutor desrespeitou o sinal vermelho e colidiu na lateral do ônibus. Os dois veículos

rodaram pela pista e explodiram. O ônibus, que é da empresa Atar, filiado a rede Santa Maria, iria pegar outros passageiros para seguir viagem.

O oficial da Polícia Militar, Subtenente Félix, confirmou a versão das testemunhas. “Pelas marcas do pneu, o Opala vinha em alta velocidade e bateu na lateral do ônibus”, disse. Devido ao estado do corpo, a perícia não conseguiu identificar o motorista do Opala “Só com o DNA”, disse o policial.

O motorista do ônibus, Michel Rally Mariz de Medeiros, estava abalado. Ele não quis dar entrevistas para a imprensa. O corpo do motorista do Opala seguiu para o Instituto Técnico e Científico da Polícia ainda na manhã de sábado, onde se iniciou os procedimentos para a identificação.



TIAGO LIMA/NU

Segundo uma testemunha, condutor do Opala desrespeitou o sinal vermelho

| PADROEIRA | Em missa no Passo da Pátria, Dom Jaime pede mais fé: “o mundo é mau”

Mais de 30 mil rezam com a santa

Eram jovens, velhos, homens e mulheres. Mais de 30 mil fiéis acompanharam na manhã de ontem a Missa da Pedra do Rosário, em homenagem à padroeira de Natal, Nossa Senhora da Apresentação. As celebrações começaram por volta das 4h30 com uma procissão fluvial da imagem pelo Rio Potengi e terminou às 6h30 com pronunciamento da prefeita Micarla de Sousa para peregrinos que vieram de todo o Estado.

Durante a missa, o bispo de Campina Grande, Dom Jaime Vieira da Costa, ressaltou a importância que a devoção de Maria possui na crença católica e pediu: “Sejam fiéis e atentos à crença, o mundo é mau”. Ele pediu também orações para o acidente ocorrido momentos antes na Av. Bernardo Vieira. O bispo ressaltou ainda o número de pessoas e agradeceu às autoridades políticas pela presença no evento. “Agradeço a todos por comparecerem aqui”, disse.

Ainda cedo, os fiéis apareciam pela rua que dá acesso ao monumento levando bandeirinhas azuis e banquinhos para acompanhar a missa. O auxiliar de serviços gerais, Fernando Alves, veio de São Paulo do Potengi apenas para acompanhar a celebração. Emocionado, ele contou ser devoto de Nossa Senhora da Apresentação. “Ela me concedeu muitas graças”, disse.



WALLACE ARAÚJO/NU

Fiéis da capital e de vários municípios do interior prestaram reverência à Nossa Senhora da Apresentação

Moradores, principalmente do bairro das Quintas, eram a maioria do público presente. Muitos vieram pedir graças, ou então, descalços, pagar promessas feitas à padroeira. A autônoma Fátima Moraes de 54 anos, contou que foi a segunda vez que esteve na celebração. No ano passado, fez uma promessa para o marido parar de beber. Segundo ela, oito dias depois ele parou. Agora a oração é para a filha. “Ela tem 21 anos e rezo por um

emprego para ela”, contou.

O fim do vício do álcool também levou Ilda Maria, 42, ao local. Com rosas brancas para oferecer à santa, ela conta que veio para pagar uma promessa: o marido era alcoólatra e hoje se converteu ao catolicismo. Os motivos relacionados a saúde também levaram fiéis ao local. O comerciário Claudionor Gomes era um deles. Morador do Passo na Pátria, ele foi para a missa pedir pela prima, Maria da Apre-

sentação que está numa cadeira de rodas. O lavador de carros, Edmilson Moura de 37 anos pediu pela filha, de oito anos. Ela tem paralisia cerebral.

Antes mesmo do fim da missa na Pedra do Rosário, alguns fiéis já saíam em direção à catedral velha, onde mais tarde iria começar a missa solene. O comerciante Francisco Airton, de 28 anos, que todo ano trabalha na missa, comemorou. “É muito bom; vendemos muito”. (FF)

| DELEGACIA |

Agentes vão parar segunda



WALLACE ARAÚJO/NU

Delegacia de Plantão da Zona Norte: sujeira e fedor

Fezes na marmitta, urina em garrafas plásticas, presos condenados exigindo transferência, superlotação. Tudo continua igual nas delegacias de plantão das zonas Sul e Norte de Natal. A novidade, anunciada pela Secretaria Estadual de Justiça e Cidadania é que a partir desta segunda-feira, dia 23, os agentes de polícia não mais exercerão a função desviada de carcereiros. “Agora, eles se preocuparão apenas em investigar”, garantiu Leonardo Arruda, titular da pasta.

Ao NOVO JORNAL, o secretário assumiu a responsabilidade e afirmou que já nesta segunda a assistência aos apenados lotados nas delegacias de plantão será feita por agentes penitenciários. “Obviamente com o apoio da PM que continuará exercendo a segurança externa das delegacias”, complementou.

A providência vem em consequência das exigências do Sindicato dos Agentes de Polícia Civil do RN, através da presidente da categoria, Vilma Marinho. “Independente disso, nossa paralisação de advertência, agendada para a segunda e terça-feira (48h), vai ser feita. Em nenhuma delegacia pode haver policial civil tomando conta de preso. Isso é papel de agente penitenciário”, ressaltou. “Se até o final desse prazo, o governo não garantir a remoção de todos os detentos das delegacias, entraremos em greve por tempo indeterminado”, reafirmou. Desde a manhã da sexta, quando mais uma fuga foi registrada na zona Sul, que agentes e delegados das duas unidades de plantão atendem recomendação do Símpol e se negam a receber presos transferidos de outras unidades. Apenas os flagrantes são aceitos.

| APAGÃO |

Seridó fica 14 horas no escuro

Quase 14 horas ininterruptas. Esse foi o tempo que boa parte da região Seridó ficou sem energia elétrica. Das 14h34 da sexta-feira até 5h20 de ontem, os moradores dos municípios de Caicó, Jardim do Seridó, Ipueira, São João do Sabugi, Timbaúba dos Batistas, Serra Negra do Norte e São Fernando não tiveram como acender uma lâmpada sequer. Todos também ficaram sem telefones celulares.

Com a luz já restabelecida, a Cosern comunicou que a paralisação do serviço se deu em função de um problema ocasionado

no aterramento de uma torre de transmissão localizada entre as cidades de Acari e Currais Novos. “Numa região de difícil acesso. Tivemos que trocar todo o equipamento. Foi por isso que levamos todo esse tempo”, justificou a empresa Além da queda no fornecimento de luz, os referidos municípios também ficaram sem comunicação. Por falta de energia, as torres de transmissão das operadoras de telefonia celular não funcionaram nesse período e ficaram fora do ar. Com a volta da energia, o sistema voltou funcionar normalmente.

| SÃO PAULO |

Câncer mata Celso Pitta

SÃO PAULO/SP (Folhapress) - O ex-prefeito de São Paulo Celso Pitta (PTB) morreu ontem aos 63 anos. Ele estava internado no hospital Sírio-Libanês, onde fazia tratamento contra um câncer no intestino.

Em janeiro deste ano, o ex-prefeito foi submetido a uma cirurgia para retirada de um tumor no intestino e, desde então, fazia tratamento com quimioterapia no hospital.

Filho político do deputado Paulo Maluf (PP), Pitta administrou a Prefeitura de São Paulo no período de 1997 a 2000. Sua gestão foi marcada por uma série de denúncias. A

principal delas foi o esquema de corrupção batizado de “escândalo dos precatórios”.

Ele acabou afastado do cargo por 18 dias - sendo substituído por seu vice-prefeito, Regis de Oliveira -, mas retomou o cargo em seguida. Concorreu a deputado federal e perdeu em duas ocasiões, mas manteve sua filiação ao PTB. Em julho do ano passado, Pitta foi preso pela Polícia Federal durante as investigações da Operação Satiagraha, que investiga crimes financeiros atribuídos ao banqueiro Daniel Dantas, do Opportunity. O ex-prefeito e os demais investigados presos foram soltos depois.

| PARTIDO |

PT elege novo presidente

SÃO PAULO/SP (Folhapress) - O PT deve eleger neste domingo o presidente nacional do partido, que terá como missão engajar seus filiados e agregar os aliados na primeira eleição direta presidencial sem Lula desde a fundação da sigla, em 1980.

José Eduardo Dutra (SE), ex-senador e ex-presidente da BR Distribuidora, braço da Petróbras, é o favorito para vencer a disputa ainda no primeiro turno do PED (Processo de Eleições Diretas) do PT, que terá ainda outros cinco candidatos.

Além de ser o candidato da

corrente majoritária, ele agrega apoios importantes, como os dos grupos Novo Rumo e PT de Lutas e de Massas, que tiveram candidato em 2007. O mandato da nova direção é de três anos.

Se a vitória se confirmar, será a primeira vez desde 2005, ano do mensalão, que a disputa não irá para o segundo turno, um sinal de que as fissuras provocadas pelo escândalo da transferência de recursos aos parlamentares da base do presidente Luiz Inácio Lula Silva estão muito próximas de serem totalmente sanadas, ainda que momentaneamente, por conta da campanha ao Planalto.

PMDB



| DESGASTE | Recentes episódios envolvendo a família Alves tornam mais evidente o racha entre peemedebistas no RN

Heverton de Freitas, do Novo Jornal

NEM O ESTRONDOSO barulho da torcida flamenguista no Maracanã lotado aos 35 minutos do segundo tempo, quando Zé Roberto aproveitou o passe de Petkovic para virar o jogo contra o São Paulo e reacender as esperanças do rubro-negro de levantar novamente a taça de campeão brasileiro, foi suficiente para abafar na mente de um grupo de natalenses que assistiu à partida no camarote da Alesat a determinada afirmação do senador Garibaldi Filho em defesa do apoio à candidatura da senadora Rosalba Ciarline em 2010. “Já fui deputado estadual, prefeito, governador duas vezes, senador, agora vou fazer o que quero, não tenho mais idade de estar seguindo o que os outros querem”, disse na ocasião.

Surpreendente para alguns pela antecipação da definição, enquanto os outros dois concorren-

tes ao Senado ainda não se manifestaram oficialmente sobre quem irão apoiar, a postura do senador peemedebista explicita uma divisão com o deputado Henrique Eduardo que muitos apostaram seria inevitável desde a morte do ex-ministro Aluizio Alves, há três anos.

Agora, as divergências ultrapassaram os limites do partido e deixaram de lado declarações veladas de um lado e de outro para assumir contornos claros e bem definidos das dificuldades existentes para que os dois permaneçam no mesmo palanque no próximo ano.

O deputado Henrique Alves ainda tenta manter as aparências repetindo o mantra de que a prioridade do partido é a reeleição de Garibaldi, mas o senador tem sido cada vez mais categórico na confirmação do seu apoio à candidata Rosalba Ciarline.

A situação chegou ao constrangimento familiar com as recentes declarações do ex-deputado Garibaldi Alves, pai do senador e tio de Henrique, com uma postura agressiva contra o sobrinho. Os pedidos de desculpa por telefone partiram de Nova Iorque, onde se encontra o senador peemedebista, e de outros membros da família que ligaram para Henrique tentando contornar a situação. O pai do senador Garibaldi chegou mesmo a comparecer a inauguração de uma loja da empresária Priscila Gimenez, esposa de Henrique, no Midway Mall. Ele que nunca foi visto em eventos sociais desse tipo.

O deputado Henrique Alves e demais membros da família de alguma forma atingidos pelas declarações do pai de Garibaldi, mesmo procurados pela imprensa, preferiram silenciar para não aumentar a polêmica e o assunto esfriou.

Planos de Henrique ameaçados

Embora todos os envolvidos evitem agora essa exposição pública das divergências no partido, elas continuam e estão deixando em situação difícil o deputado Henrique Eduardo. Líder do PMDB, com livre trânsito junto ao governo federal e linha direta com a ministra Dilma Roussef, candidata governista à sucessão do presidente Lula.

No projeto do líder peemedebista está a consolidação da aliança da candidata do PT tendo como vice o atual presidente da Câmara dos Deputados, Michel Temer. Confirmada a aliança, e em caso de vitória, o próprio Henrique teria o apoio do PMDB e do PT para ser o próximo presidente da Casa. Os demais votos necessários para assegurar sua eleição, ele iria buscar nos partidos médios como PP, PTB, PR, PDT entre outros que hoje têm em Henrique um canal aberto para levar suas reivindicações ao governo federal.

Uma aliança do PMDB do Rio Grande do Norte com o DEM do senador José Agripino Maia, principal voz de oposição ao governo do presidente Lula, poderia por todo esse projeto a perder e isso Henrique não aceita de Garibaldi.

O grupo mais próximo a Henrique no PMDB reclama de Garibaldi e chega a dizer que ele mais uma vez quer se passar por vítima nesse processo, quando na verdade a vítima é o primo. “Henrique tentou ser prefeito duas vezes e não obteve êxito, quis ser governador, mas seu projeto não vingou, enquanto isso Garibaldi foi prefeito, governador e senador e agora não quer abrir para ele que tem todas as condições de ser presidente da Câmara Federal”.

Um tiro no escuro?

O plano de Henrique passa necessariamente pela união dos pré-candidatos já lançados dentre os partidos que hoje apóiam a governadora Wilma de Faria. E para isso ele tem trabalhado bastante.

Formou um grupo com os deputados João Maia, Robinson Faria e Fabio Faria, que recebeu o nome de Unidade Potiguar. A união entre eles surgiu quando Robinson e João Maia estavam prestes a romper com o Governo. A ideia era garantir um acordo com o vice-governador Iberê Ferreira de Souza.

Embora a aliança tenha sido feita em nome dos partidos, Garibaldi nunca deu a chancela para que o PMDB estivesse por completo no grupo, formado ainda pelo PP, PMN e PR. Mas, para Henrique, manter unidos os partidos da chamada “base” da governadora é a única maneira de conseguir convencer Garibaldi da viabilidade de participar dessa aliança sem prejudicar seus planos de se reeleger senador.

Até mesmo levar o senador para conversar diretamente com o presidente da República foi tentado por Henrique. Com um apelo direto do presidente, acreditava poder vencer o primo senador a se integrar à ala peemedebista defensora da união com o PT de Lula.

Aconteceu exatamente o contrário. Garibaldi disse abertamente ao presidente que sua inclinação era apoiar Rosalba, ainda que não descartando o apoio a Dilma Roussef. De lá para cá, em toda oportunidade Garibaldi reforça o apoio a pretensão de Rosalba ser governadora.

As últimas alternativas

Ainda é difícil prever se haverá um rompimento entre Garibaldi e Henrique. Por enquanto, há duas hipóteses em análise para se evitar a cisão.

Uma seria uma candidatura a governador de um dos dois. A vez seria de Henrique que tem tido o incentivo direto de Lula para entrar na disputa. Nesse caso, Garibaldi não teria como deixar de apoiar o primo que sempre esteve no seu palanque nas disputas majoritárias de que participou.

A outra hipótese é o partido ficar livre para que cada um faça campanha para seu candidato. Até mesmo consultas a renomados juristas já foram feitas por Garibaldi para saber se poderá subir no palanque de Rosalba, caso o PMDB esteja formalmente na coligação adversária.

A proposta aí é que o PMDB apóie a candidatura presidencial da ministra Dilma Roussef, mas no Estado fique livre. A coligação seria feita apenas na chapa proporcional. Caso contrário, uma coligação com o DEM deixaria Henrique sem subir no palanque para não ter o constrangimento de estar dividindo espaço onde as críticas ao governo federal devem dar a tônica.

Se a aliança for com o PSB, Garibaldi ficaria livre da coligação majoritária. A dúvida é saber se poderia vencer no palanque de Rosalba e até mesmo aparecer no horário eleitoral de TV. Esse tipo de acordo está sendo costurado em São Paulo, onde o ex-governador Orestes Quércia é o presidente da legenda e tem aliança com o governador José Serra, embora o presidente da Câmara, Michel Temer, esteja cotado para o ser o candidato a vice de Dilma Roussef.

RODA VIVA

CASSIANO ARRUDA CÂMARA

rodaviva@novojornal.jor.br

Luta dos mil empregos

A Confeccões Guararapes ainda não definiu se a sua nova fábrica de jeans, que estava programada para Fortaleza, virá para Natal.

É certo que já começou a construção de mais um galpão industrial, este de 13 mil metros, no complexo de Extremoz. Essa obra deverá estar concluída até abril.

Se, até lá, desenrolarem a ampliação da fábrica de Fortaleza, o novo galpão servirá para outro fins (logística). Mantida a posição da prefeita Lizianne Lins, contra a ampliação da fábrica de lá, Natal ganha a nova fábrica e com ela mais mil empregos diretos.

Perde e ganha

Natal está perdendo para Mossoró uma indústria que funcionou em Parnamirim, por mais de 20 anos: A Sacoplast, que pertencia ao grupo Tavares de Melo, especializada na produção de embalagens plásticas.

A fábrica foi adquirida pelo Grupo Líder, do empresário mossoroense Edivaldo Fernandes que tratou de transplantá-la para a capital do Oeste. Fernandes adquiriu empresa semelhante em Fortaleza e pretende reabrir sua nova fábrica dentro de 180 dias. Oferecerá 500 empregos diretos e vai produzir 2.800 toneladas de embalagens/ano.

Os poços do Presidente

Na sua passagem por Guamaré, o presidente Lula acusou “antigos governantes” por não aproveitarem poços perfurados pela Petrobras, onde não apareceu petróleo, mas tinha água.

Faltou o Presidente dizer quantos desses poços foram equipados para fornecer água na região do semi-árido, nos últimos sete anos, de seu Governo. Tirante o que foi inaugurado, no Vale do Assu, em 2008, não se sabe de outro. O alto custo do equipamento torna inviável a sua utilização.

Sucessão completa

O Arcebispo Metropolitano, d. Matias Patrício, consou de esperar pela nomeação de um Bispo Auxiliar para Natal. Faltando, apenas dois anos para a sua resignação aos 70 anos, ele comunicou ao Nuncio Apostólico que prefere deixar a escolha juntamente com a indicação do seu sucessor.

GOVERNO DOS PROTOCOLOS Mesmo dispondo de – apenas – quatro meses e dez dias como Governadora do Estado (caso seja candidata no próximo ano como afirma), assim mesmo a governadora Wilma de Faria não teve qualquer inibição em trazer o Presidente da República do Estado para assinar um “Protocolo de Intenção”.

Aliás, o Governo Wilma, está chegando ao fim deixando como principal marca a sua consagração como verdadeiro campeão dos tais protocolos.

Afinal, ninguém pode ser penalizado por colocar sua assinatura num pedaço de papel revelando qualquer intenção. Muito menos um governante disposto a criar factoides para gerar notícias numa mídia amestrada, que não tem compromisso em esclarecer o público sobre a conseqüência de tais documentos.

Depois de sete anos de Governo, Wilma não conseguiu construir um volume de realizações que pudesse dar um ar festivo a essa fase final.

Uma característica dos governos, de todos os governos, é concentrar as inaugurações na sua última etapa. Até como uma tentativa de vencer o espírito melancólico que toma conta de governantes na contagem regressiva para deixar o posto, quando – como afirmam os observadores – até o cafezinho chega frio ao seu gabinete.

Vale ressaltar que uma característica de Wilma de Faria como administradora pública é não conseguir terminar o que inicia. Assim foi na Prefeitura de Natal em três mandatos distintos.

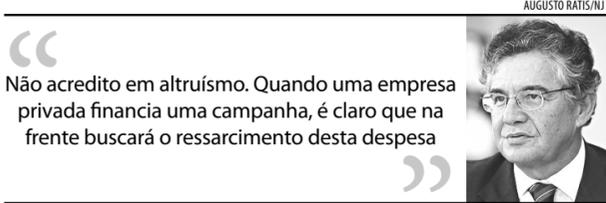
Assim está sendo no Governo.

Mesmo a chamada Ponte de Todos, inaugurada há dois anos no meio de uma semana de festas, continua clamando por acessos. Esta grande obra termina se constituindo num libelo contra a falta de planejamento do Governo Wilma. Afinal

é a primeira vez que um Governo transforma uma ponte isolada como seu principal objetivo. Até então, desde o Império Romano, que pontes são construídas como parte de um sistema de transporte.

Nos últimos anos, os bons números da economia eram apresentados para esconder tanta incompetência administrativa. Infelizmente veio a chamada crise global, que já começa a ser superada, sobretudo no resto do Brasil. Mas, o nosso Rio Grande do Norte se constitui numa ilha de índices ruins, com aumento do número de desempregados e perda de posições na produção dos artigos que sustentam sua economia: melão, camarão e pescado.

Reconhecendo a própria ineficiência em setores fundamentais como Segurança, Saúde e Educação, falta ao Governo um protocolo para revelar a verdadeira situação desses setores. Sem maquiagem....



DO MINISTRO MARCO AURÉLIO DE MELLO, DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, SOBRE O FINANCIAMENTO DE CAMPANHAS ELEITORAIS.

Documento Mossoró

A Band News, canal de televisão por assinaturas da Rede Bandeirantes, deu uma senhora colher de chá a Mossoró. Exibiu um “Documento Band” narrando a resistência da cidade ao bando de Lampião e destacou sua importância econômica como produtora de petróleo, sal e melão.

Cachaça exportação

A cachaça Samanaú, produzida no Seridó pelo ex-deputado Dada Costa vai chegar ao mercado europeu.

A Sotheby’s, que representa a Casa Chandon, no Reino Unido, vai dividir suas prateleiras com a cachaça norte-riograndense.

Fim de linha

A Secretaria de Articulação com os Municípios, exercida pelo deputado Raimundo Fernandes, está com o prazo de validade perto do vencimento.

O governador Iberê Ferreira de Souza já decidiu que extinguirá o posto em abril.

A Secretaria – por conta da exposição “morar bem com menos” – está funcionando no Papódromo. Em abril o casarão da Hermes da Fonseca volta a ser residência oficial do Governador.

Livre do mico

Quem se saiu melhor na visita do presidente Lula, terminou sendo o deputado Fábio Faria: Diante da pane num dos três helicópteros designado para o transporte de autoridades, vendo o vice-governador Iberê Ferreira de Souza ameaçado de ficar sem lugar, Fábio – cavalherescamente – lhe deu o lugar.

* Livrou-se de um mico e ainda fez um bonito.

Me engana-que-eu-gosto

Do deputado Felipe Maia sobre a visita de Lula à Refinaria Clara Camarão e sua instalação inaugurada pelo presidente Lula: - “O Rio Grande do Norte muito esperou uma refinaria de petróleo que foi para o Estado de Pernambuco. Para se ter uma idéia, a refinaria que nós pleiteávamos geraria ou processaria 230 mil barris/dia. Os investimentos que vão ser feitos no Estado vão ser de, apenas, 1,6 bilhões, 70% dos quais aplicados ao longo dos últimos 20 anos. Já Pernambuco vai receber 12 bilhões de reais”.

Colete nele

Pela vontade do colunista Jorge Bastos Moreno, na coluna Nhem-hém-hém, publicada neste sábado no jornal “O Globo”, o deputado Henrique Alves já estaria usando colete à prova de balas para enfrentar pressões da relatoria dos royalties do Pré Sal. Terça-feira está agendada em Brasília uma conversa com o governador do Rio, Sérgio Cabral, e os governadores Cid Gomes, do Ceará, e Wellington Dias do Piauí, estes dois em nome dos colegas do Nordeste. Cada lado puxa por uma participação maior.

Editorial

Ponte Newton Navarro

O artista plástico e escritor Newton Navarro construiu uma obra de recorte antropológico apurado, fixando tipos, lugares e eventos que compõem um vigoroso retrato, por vezes idealizado, por vezes dolorosamente real, da “civilização” natalense nas décadas de 1950 a 1970. É um perfeito contraponto artístico ao cunho científico do trabalho semelhante realizado, com ambigüidade e objetivos mais ambiciosos, por Luís da Câmara Cascudo.

Em suas linhas, cores e palavras, a obra de Navarro é uma espécie de ponte sobre as contradições de uma cidade cindida geográfica e socialmente. Uma ponte entre formas de arte e cultura, as diferenças econômicas, entre o lírico e o mundano, o rancho de páia e o salão burguês.

Nada mais justo, portanto, que nomear como Newton Navarro a ponte (enfim) erguida em 2007 na boca da barra do rio Potengi. A rigor, esse seria o único ponto indiscutível do projeto, que se revelaria uma fonte permanente de suspeitas e polêmicas. A primeira delas cuidou de desmoralizar as boas intenções aparentadas pelo Governo do Estado na homenagem. O acréscimo da locução “De Todos” à ponte que deveria ser simplesmente “Ponte Newton Navarro” é ato falho revelador de intenções que nem o mais inocente freudiano chamaria de inconscientes.

A megacampaña publicitária que embalou a inauguração da obra confirmaria o caráter desviante da homenagem. Em vez de ressaltar o artista que mergulhou na alma natalense, optou-se por enfatizar a locução de fundo claramente político, como se a ponte fosse apenas um vistoso outdoor e não uma obra estruturante e urgente.

O descarte do artista nas menções publicitárias reduziu o tributo a artifício marqueteiro de mau gosto. Uma contrafação moral perfeitamente compatível com as sombras que cingem a ponte desde a origem.

Inquéritos policiais investigam denúncias de superfaturamento da obra, que começou em 90 milhões de reais e foi entregue por 194 milhões. O impacto econômico alardeado – no turismo e em atividades comerciais associadas – é duvidoso e dificilmente mensurável. Mesmo o benefício imediato no dia-a-dia das pessoas, com a criação de alternativas de transporte e trânsito para os moradores às duas margens do rio, não se concretizou, porque a localização serve apenas a um dos lados e porque as obras viárias complementares não foram sequer iniciadas.

Essas questões – o valor, a localização, os ganhos sociais e econômicos – permanecem abertas ainda hoje, a desafinar as crianças midiáticas do Governo. Talvez por isso, a população cuidou de fazer justiça, ainda que apenas poética, recusando o epíteto marqueteiro e consagrando a obra como “ponte nova”. Ou simplesmente “ponte da Redinha”, em tardia desforra de Navarro, que fez da praia *topos* privilegiado na sua obra e na sua vida.

Artigo

Carlos Magno Araújo / Diretor de Redação



Esse não sei quê

Estamos acampados faz mais ou menos três semanas. Foi o tempo de cavarmos a trincheira. Não vou chamar de guerra, porque não é.

É uma batalha, vá lá, mas no sentido figurado – felizmente. É que temos de pôr um jornal na rua todo dia. Cedo e com novidades.

Lembro do meu amigo Roberto Machado, mais de onze anos trabalhando juntos. Sofreu um enfarte na redação. A tevê exibia a Globonews e ele pálido, no sofá, a chama quase se apagando. A notícia em cima da hora.

Foi socorrido por colegas e hoje não está por aí contando a história porque não é disso – de falar de si ou da vida alheia –, mas está vivinho da silva, o que é melhor ainda.

Jornal, pra quem gosta, vicia. É difícil de largar, ainda que as coronárias avisem dos exagros. É camoniano, como o amor: é fogo que arde sem se ver.

A primeira vez que entrei numa redação para trabalhar faz vinte anos.

Nas idas e vindas, o destino puxou para cá, levou para lá, trouxe de novo. Um vai e vem - para de novo me encontrar aqui, diante de uma nova história, de um novo desafio.

Para quem não entende, quem não é do ramo: sabe o que é um jornal? É um não sei quê.

Quando, depois do primeiro emprego, no Diário, fui para a Tribuna, desci para a Redação quase colado às paredes antigas do velho prédio da Duque de Caxias, muitos anos antes uma agência bancária.

É onde ainda funciona o jornal. Se a profissão é sacerdócio, lá fui do seminário menor para o maior.

Aprendi outro bocado ali. Mas não aprendi tudo. E ainda vejo que não aprendi muito. E mais: que aprendo a cada dia.

Redijo esse primeiro texto na sala de um prédio antigo da velha e histórica Ribeira. Da rua Frei Miguelinho, igualmente histórica.

Que sejam muitos os textos, ou tantos quanto o destino quiser. Sou parte de uma engrenagem que tenta honrar esse prédio, essa rua, esse bairro.

Sou parte de uma engrenagem que tenta, acima de tudo, honrar a profissão - enobrecer a atividade, exaltar o jornalismo.

Continuo reverente. Da mesma forma como antes entrei em outras redações, chego a essa genuflexo.

Da janela do prédio vejo a rua. Ouço o som estridente de uma serra. Os botecos pequenos da Ribeira, seus habitantes me estranhando. Tudo isso faz parte desse universo, que chamo mágico, inclusive esse jornal que grita seus primeiros berros.

O jornal, esse não sei quê.

carlosmagno@novojornal.jor.br

ZUM ZUM ZUM

► A companheirada do PT tem um dia de movimentação nesse domingo. Eleição nos seus diretórios estadual e nacional.

► Depois de uma semana em Nova Iorque, o senador Garibaldi Alves deu o maior duro para chegar em Natal a tempo de participar da procissão da padroeira.

► Os senadores Rosalba Ciarlini e José Agripino já estavam à postos para acompanhar o andar de Nossa Senhora da Apresentação.

► A governadora Wilma de Faria estará neste domingo na cidade de Pau dois Ferros para se reunir com seus correligionários do PSB.

► Começa, nesta segunda-feira, a Conferência Estadual de Educação, preparatória da Conferência Nacional marcada para março, em Brasília.

► O plano de segurança para o Carnatal vai ser apresentado aos jornalistas nessa segunda-feira.

► Governo e Prefeitura unidos promovem, neste domingo, a Meia Maratona de Natal, com largada às sete da matina na Ponte de Todos.

► No Praia Shopping hoje tem shows com os grupos Choro & Cia e Clássicos do Choro.

Lula-dependente

Pesquisas recém-saídas do forno acenderam luz amarela no PT ao mensurar o peso da figura de Lula na avaliação positiva do governo. Em resumo, cerca de um terço dos entrevistados considera o presidente o único responsável pelos sucessos da administração, do Bolsa Família à superação da crise econômica. 'Ele é maior que o partido, que a candidata, que a aliança que a gente está construindo e que o governo de forma geral', reconhece um petista diretamente envolvido na preparação da campanha de Dilma Rousseff.

Na avaliação do petista, a superação desse quadro de dependência tem como pré-requisito uma vitória folgada de José Eduardo Dutra na eleição interna do partido, hoje. Algo que se aproxime de 60% dos votos.

Roadshow

Cotada para substituir Dilma na Casa Civil a partir de abril, Miriam Belchior viaja nesta semana a Madri para apresentar o 'Minha Casa, Minha Vida' a investidores espanhóis.

Acesso

Quem frequenta o núcleo do governo sabe: Miriam é das poucas auxiliares que não precisa bater à porta para entrar na sala de Lula.

Mãe é mãe

No próximo sábado, quando ocorrerá a pré-estreia de 'Lula, o Filho do Brasil' em São Bernardo, o prefeito Luiz Marinho (PT) pretende levar o presidente à inauguração de uma casa assistencial para crianças que se chamará Dona Lindu.

Bullying

De um cardeal do DEM, sobre a simultaneidade entre a ofensiva dos Maias contra José Serra e o namoro público de Aécio Neves com Ciro Gomes: 'O Aécio e o Rodrigo se juntaram numa roda de adolescentes e resolveram tocar fogo no circo'.

Pirata

Os comerciais de Paulo Skaf na TV, 'by' Duda Mendonça, trazem o slogan 'PSB, a favor do Brasil'. Apenas uma letra de diferença para 'PSDB, a favor do Brasil', usado há anos nos comerciais tucanos em São Paulo.

Epílogo

Dos secretários tucanos remanescentes na gestão de Gilberto Kassab (DEM), Manuelito Pereira Magalhães Júnior (Planejamento) é hoje o mais descontente. Tem dado sinais de que considera seu ciclo encerrado. Tudo indica que o prefeito pensa da mesma forma.

A calhar

A frente parlamentar em Defesa do Programa Nuclear Brasileiro debaterá o tema na Câmara no dia seguinte à passagem do iraniano Mahmoud Ahmadinejad pelo Congresso.

TIROTEIO

"Se Dilma imprimir o estilo dela, vai sobrar carão pra todo mundo".

Do senador JOSÉ AGRIPINO (DEM-RN) em resposta a Lula, segundo quem a ministra, se eleita, 'iria apenas colocar o estilo dela no governo e fazer as coisas novas que não conseguimos fazer'.

CONTRAPONTO

Obrigado, doutor

José Serra e seu secretário do Desenvolvimento, Geraldo Alckmin, encontraram-se na noite de domingo passado no elevador da Sala São Paulo, onde ocorreria a cerimônia de entrega do Troféu Raça Negra. Entre um espirro e outro, o ex-governador contou que estava com gripe.

__Tenho um remédio homeopático que é ótimo!__ apressou-se em rezeitar Serra.

Alckmin, anestesista de formação, coçou o queixo e rebateu a sugestão com bom humor:

__Agora você é que é o médico...__

Agnelo admite que racha pode acabar com o poder dos Alves

"QUEM REPRESENTA A palavra de Aluizio?"

A pergunta acima significa uma dúvida de quem participou diretamente da trajetória da família Alves na política do Rio Grande do Norte. Hoje acompanhando o cenário na perspectiva de jornalista, Agnelo Alves se acostumou a tomar decisões em comum acordo com o líder maior do clã: seu irmão Aluizio Alves. Vendo o iminente racha na família e também no partido pelo qual cumpriu vários mandatos, Agnelo é taxativo numa previsão nada agradável para o clã: de que a divisão pode significar o fim do poder político dos Alves no Rio Grande do Norte. E lembra saudoso: "A casa da Deodoro está fazendo uma falta imensa", diz, referindo-se à residência onde historicamente a família se reuniu para traçar planos e diretrizes na política.

NOVO JORNAL - Qual sua opinião, como membro da família Alves, sobre essa divisão entre Henrique e Garibaldi?

Agnelo Alves - Embora não sendo mais do PMDB eu lamento por todas as razões e motivos, até porque a família Alves atravessou 50 anos e não se rendeu nem às vicissitudes maiores no período da cassação. Hoje, vemos o partido dividido entre esses dois principais herdeiros e não sabemos quem tem razão. Porque eles não estão brigando por um candidato do PMDB, estão brigando por candidatos de outros partidos e sob a liderança de outros políticos. Garibaldi luta pela candidatura de Rosalba, ligada a liderança do senador José Agripino, e Henrique pelo candidato do PSB, que tem a liderança da governadora Wilma de Faria. Fico pensando como está o eleitor peemedebista que resistiu esses 50 anos. Deve estar atônito e se perguntando a quem seguir. Quem realmente interpreta a mensagem que Aluizio Alves deixou? Se o eleitor está com essa dificuldade eu também tenho.

Ainda existe hoje o eleitor bacurau, aquele da bandeira verde e quem ele segue?

Eu estou andando pelo interior como jornalista e os depoimentos que tenho colhido são absolutamente indispensáveis ao pensamento dos dois, Henrique e Garibaldi, na medida em que essa divisão entre o aluzismo e os contrários a Aluizio, depois entre os bacurau e os araras permanece intacto. Uns pela memória de Aluizio, outros pela memória de Dinarte, outros ainda pela atuação de Henrique e Garibaldi juntos, outros pela atuação de José Agripino. Eu acho que estamos vivendo um caos anunciado. O eleitor não está sabendo como interpretar. Quem representa a palavra de Aluizio? Eu não me arvo a ser porque represento, junto com Garibaldi pai, a geração mais antiga.

Sempre se falou que Aluizio era quem segurava a união da família e até se previa essa divisão. Na sua opinião, se Aluizio ainda estivesse aqui isso estaria acontecendo?

Isso aconteceu porque os interesses de cada um começaram a aflorar na nova geração



que também atravessou maus momentos. Henrique, Garibaldi e Carlos Eduardo atravessaram o período terrível da cassação. Carlos Eduardo mais novo e ainda criança e os outros dois se apresentando diante da opinião pública. A gente não sabe o que vem depois disso. O que vai imperar? Não se fala mais em PMDB, em PDT, em DEM, se fala em Wilma, em José Agripino, em Henrique, em Garibaldi, em Carlos Eduardo, mas o que é que eles pensam em torno do Rio Grande do Norte? O que é que eles propõem diante das perspectivas do Rio Grande do Norte? Ninguém ouve falar.

A família Alves tinha as famosas reuniões na casa da Deodoro com todos os irmãos para debater os caminhos a seguir. Hoje a família Alves ainda se reúne para discutir política?

Não. A casa da Deodoro está fazendo uma falta imensa. Lá nós nos reuníamos, debatíamos e até não evitávamos as palavras ásperas. Quem passasse pela casa da Deodoro na calçada ouviria e diria que a família Alves estava caindo aos pedaços. No entanto, nós saíamos de lá coesos. Hoje, além de não nos reunirmos, ficamos temerosos de reunir e não dar resultado.

Mas essa nova geração ainda escuta a geração mais velha, procura algum conselho?

Não em termos coletivos. Carlos Eduardo me ouve, mas tem plena liberdade pela

capacidade dele de decidir, creio que Garibaldi faça o mesmo, Henrique não tem mais Aluizio. Está faltando alguma coisa que faça reaglutinar a família.

O episódio de 2002 quando Carlos Eduardo rompeu para assumir a prefeitura e depois você o seguiu, influencia de alguma forma essa divisão existente hoje?

Não, porque em 2006, por exemplo, eu votei em Garibaldi e Carlos Eduardo votou em Wilma, isso sem que houvesse qualquer fissura em nosso relacionamento. O representativo realmente de Aluizio Alves era, por maiores razões, Henrique e Garibaldi. Se eles agora se desunem e não por uma razão do partido, isso preocupa, provoca indagações, nos deixa perplexos e não sei como será o desdobramento. Faço votos que eles se entendam. Ainda está em tempo para uma solução que não represente a dissidência.

O senhor acredita que essa situação pode levar a uma candidatura que possa unir a todos, seja a candidatura de Henrique, de Carlos Eduardo, ou até do próprio Garibaldi?

Não precisa ser necessariamente um Alves, mas que acharia muito bom se houvesse um que pudesse ter o apoio de todos.

Essa divisão significa o fim do poder político dos Alves no Rio Grande do Norte? Se ela se concretizar, sim.

GERAÇÕES NA POLÍTICA

A história da família Alves na política começou com o avô das duas principais estrelas do PMDB de hoje. Foi Manoel Alves Neto, seu Nezinho como era conhecido, o primeiro membro do clã a ingressar nessa atividade. Foi prefeito de Angicos até ser deposto e preso em 1932, acusado de apoiar a Revolução Constitucionalista que os paulistas encabeçaram para cobrar do presidente Getúlio Vargas a retomada das instituições democráticas.

Mas a força política que até hoje persiste veio mesmo com Aluizio Alves, eleito constituinte em 1945, aos 24 anos de idade. Deputado seguidas vezes até se eleger governador em 1960, levou consigo para a política os irmãos Garibaldi e Agnelo Alves, iniciando o processo de criação de uma típica oligarquia política daquele tempo no Nordeste brasileiro.

Após o golpe de 64, Aluizio dividiu a liderança do partido governista, a Arena, com Dinarte Mariz, mas acabou do lado contrário aos militares de plantão que fizeram a opção pela liderança de Dinarte. Teve seus direitos políticos cassados em 1969, junto com o irmão Garibaldi, num primeiro movimento para evitar um provável retorno dele ao Governo do Estado. Agnelo ainda permaneceu alguns meses na Prefeitura de Natal, para a qual tinha sido eleito em 65, e com os irmãos sem poderem se candidatar passou a despontar como o provável candidato a governador da família. Até que também ele foi preso, deposto da Prefeitura e cassado pelos militares.

A solução para Aluizio que, mesmo cassado, continuava atuando nos bastidores, foi lançar o filho candidato a deputado federal, enquanto Garibaldi substituiu o pai homônimo na Assembleia Legislativa.

Desde então os dois primos seguem juntos, mas em retas paralelas na política do Rio Grande do Norte. Por mais de uma vez, Garibaldi tentou ser candidato a federal, mas teve que se conformar em permanecer na Assembleia por quatro mandatos consecutivos, sob a alegação de que não haveria condições de eleger dois da mesma família e a preferência era sempre de

Henrique já detentor de mandato federal.

Henrique, por seu lado, abriu mão de entrar na disputa pela Prefeitura nas primeiras eleições diretas após a redemocratização do país para que Garibaldi, apontado nas pesquisas como o candidato mais forte, acabasse confirmado nas urnas prefeito de Natal.

Para provar que era possível eleger dois do mesmo grupo, Garibaldi apoiou em 86 a candidatura de Ismael Wanderley, então casado com Ana Catarina, irmã de Henrique. Estão na Constituição de 88 as assinaturas de Henrique e Ismael.

A família Alves foi assim criando novas e diversificadas ramificações. Em 94, Aluizio encerrou sua atividade na vida pública depois de ter sido duas vezes ministro de Estado e passou a se dedicar exclusivamente ao PMDB, ainda servindo como pólo garantidor da unidade da família, responsável pela palavra final, invariavelmente a favor do filho.

CARLOS EDUARDO X HENRIQUE ALVES

Essa realidade durou até 2002, quando não conseguiu evitar o rompimento de Carlos Eduardo, então vice-prefeito de Wilma de Faria. Eleito pela primeira vez deputado estadual em 1986, Carlos Eduardo quis ser candidato a prefeito em 92, mas a vez era de Henrique que já havia perdido em 88 e queria tentar novamente.

Outra aspiração abortada pelo projeto de Henrique ser governador aconteceu no ano 2000 quando Carlos Eduardo quis disputar a Prefeitura de Natal. Henrique trabalhava então para ser candidato a sucessão de Garibaldi Filho e queria o apoio de Wilma, então prefeita de Natal, para costurar uma aliança ampla. Carlos Eduardo se articulou para evitar a aproximação com o PSB de Wilma de Faria, mas prevaleceu o projeto de Henrique e ele, por ironia, acabou candidato a vice de Wilma.

Mesmo já na vice-prefeitura, Carlos Eduardo continuou

secretário de Interior e Justiça do Governo Garibaldi e tinha pretensões de dar um salto em direção ao Congresso Nacional nas eleições de 2002, mas o então governador Garibaldi Filho preparava a candidatura do irmão Paulo Roberto para a Câmara Federal.

Mais uma vez o projeto de Henrique governador mudou os planos. Paulo Roberto acabou indicado para o Tribunal de Contas na vaga aberta com a saída de Nélio Dias que foi o candidato a federal e se elegeu, deixando Carlos Eduardo mais uma vez sem outra alternativa que não fosse se contentar em continuar vice-prefeito.

Sem ter suas aspirações atendidas dentro do partido dominado pela família, Carlos Eduardo rompeu em 2002 para apoiar a candidatura de Wilma ao Governo do Estado e assumiu a Prefeitura de Natal, sendo seguido pelo seu pai, Agnelo Alves, então prefeito de Parnamirim, abrindo pela primeira vez uma dissidência na família.

Nas eleições seguintes de 2004, Aluizio Alves já com a saúde bastante debilitada acompanhou o partido que apoiou a candidatura de Luiz Almir, mantendo a unidade do PMDB, embora com a família já dividida politicamente, já que Aluizio, Garibaldi e Henrique estavam no palanque adversário ao de Carlos Eduardo e Agnelo em Natal.

Com o falecimento de Aluizio, as divergências entre os primos Henrique e Garibaldi ganharam cada vez contornos mais nítidos. Em 2006, Garibaldi tentou retornar ao Governo do Estado e com isso manteve a aliança com Henrique.

Agora, nem Henrique, nem Garibaldi escondem mais que estão com planos opostos e excludentes para as eleições de 2010. Ainda é difícil prever se haverá um rompimento entre eles. Mas já há de um lado e de outro que esteja fazendo as contas para saber qual o resultado de um improvável, mas não impossível bate-chapa na convenção do partido. Até haver essa definição, o PMDB continua a ser a legenda que pode mudar os rumos da sucessão estadual.



O sequestro da literatura

EM ENTREVISTA QUE fiz há uns quinze anos com o professor David Arrigucci Jr. – que então visitava a UFRN –, ele me dizia que se estava produzindo então no Brasil um ensaísmo superior à literatura, referindo-se, naturalmente, à literatura de ficção.

Naquela época já se fazia notar o pauperismo da literatura, não apenas no âmbito da ficção, mas da poesia e mesmo da crítica, empobrecidas sob a tirania sazonal do estruturalismo e do new criticism, que havia muito despojara a literatura da sua magia ilusionista, ao reduzi-la a áridas estruturas e esquemas mecânicos gelados que desencorajavam os leitores e aturdiavam os talentos que se foram recolhendo, paulatinamente, a um desolador mutismo digno de uma personagem de Beckett.

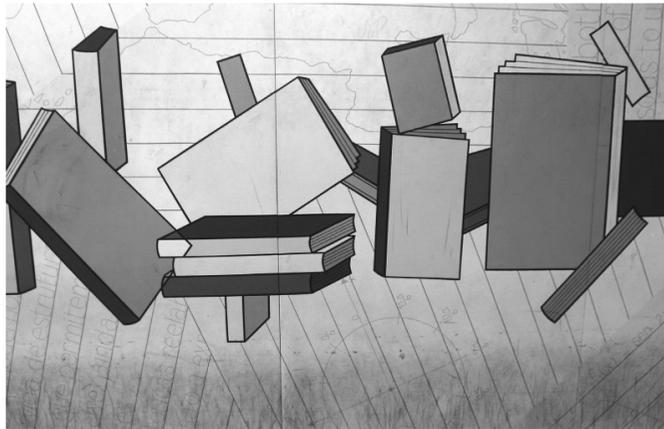
E, como um dado complicador dessa realidade, os autores oriundos da explosão ficcional dos anos 30 ou das gerações imediatamente posteriores a esse movimento que incrementou o romance, apenas se repetiam ou cediam ao ceticismo ressecante, resultante do entorpecimento das idéias, diante dos hermetismos vigentes agravados pelo pedantismo universitário e, mesmo, do chamado “boom” do conto que fez de quase todo mundo autores de livros. Com o tempo o fenômeno se revelaria uma esperta jogada de editores mercenários que descobriram e exploraram um novo gênero editorial que ficou conhecido como “paradití-

co”. Um crime de lesa-cultura cujas conseqüências ainda curtimos mais de trinta anos depois.

Não sei por que, naquela ocasião, não aproveitei o ensejo para inquirir e tirar proveito da sapiência do Prof. Arrigucci, interrogando-o, e, dessa forma, aprofundando uma questão sobre a qual já produzira alguns questionamentos, através da imprensa e da participação em eventos culturais e universitários que se propunham estudar e discutir a literatura, produzida naqueles anos setenta, por assim dizer, em escala industrial e num generalizado clima de oba oba carnavalesco, para atender a uma demanda de mercado que depois se revelaria meramente artificiosa e mercantilista.

Admito que fui negligente e perdi uma boa oportunidade de enriquecer o debate intelectual, ouvindo o ilustre doutor em letras teria a dizer-nos, a mim – que em qualquer circunstância procuro me colocar sempre na condição de aprendiz –, e aos leitores em geral, com os quais o nosso chamado “jornalismo cultural” tem sido tão mesquinho, ao negar-lhes, sistematicamente, o contraditório.

Recentemente, ao transcrever em meu blog entrevista do escritor, jornalista e blogueiro chileno Juan Pablo Meneses, a questão veio-me à lembrança e logo me pus a pensar sobre o sequestro da literatura, ou melhor, sobre o florescente en-



Fernando Gurgel, Livros. Mural na UnP

saísmo, não apenas no Brasil, como dissera-me há tempos o Prof. Arrigucci, mas em todo continente sul-americano, sob a égide do mexicano Octavio Paz, que se fez notar por suas inquietações estéticas.

Há, sem dúvida, uma produção quantitativa e qualitativa de livros de ensaios surgidos nos últimos trinta anos, através dos quais seus autores refletem ou analisam obras e autores, alguns sob a forma de visões prospectivas da cultura ou segundo registros de experiências autorais, como faz presentemente, entre nós, a acadêmica Ana Maria Machado, e o colombiano Mario Vargas Llosa, que têm se valido da memória e do empirismo para dar visibilidade ao seu jornalismo de idéias. São dois expressivos exem-

plos atuais dessa tendência que tem em Natal, como um dos expoentes, o ensaísta Márcio de Lima Dantas, professor do Departamento de Letras da UFRN e autor de instigantes leituras, especialmente, no âmbito da poesia e da crítica musical e de artes plásticas.

Em contrapartida, a ficção e a poesia têm sofrido de um pauperismo crônico, assaltadas que tem sido, de maneira sistemática e contundente por fazedores de livros, uma seita que prolifera com o afã de células cancerosas, atacando em todas as frentes, agora não mais correndo e fazendo apodrecer o lirismo, mas igualmente a prosa, já agora descompromissada de conteúdos e, mesmo, de estilo e de forma.

A banalização da poesia não é

recente. Em todas as épocas, autores pouco instruídos ou mais sensíveis às efusões líricas da poesia do que ao apelo racionalista da prosa, que requer cultura, pesquisa e discernimento, - uma prática em princípio incompatível com a simples inspiração tão grata aos poetas e ao facilitário de que adoece o grosso da poesia entre nós praticada.

Juan Pablo Meneses, que se nos impõe por sua inquietação intelectual e pela contribuição ao jornalismo que está sendo neste momento recriado pós internet, afirmou recentemente, em entrevista ao site “Jornalismo nas Américas”, que a literatura está desprestigiada por um grupo de pessoas em busca de prestígio; esses arrivistas das letras que se multiplicam a cada dia em proporção geométrica, teriam seqüestrado a literatura, substituindo-a por simulacros ao gosto da indústria cultural empenhada em aumentar o consumo sem nenhum respeito pela qualidade que, segundo Lênin, há de estar presente em tudo.

Nesse contexto, não surpreende o vigor e o crescente prestígio do ensaísmo, um gênero que resulta da prática, da paciência, da acumulação e do uso do conhecimento, seja ele de natureza literária ou científica. O ensaísmo que me parece ser o gênero, por excelência, de uma época enciclopédica.

Franklin Jorge escreve neste espaço todos os domingos.

PLURAL

FRANÇOIS SILVESTRE DE ALENCAR/ESCRITOR

Roupa de domingo

Após o convite de Cassiano, feito à noite, fui pela manhã conhecer a maternidade onde estava nascendo o Novo Jornal. Frei Miguelinho, número trinta e três. Um prédio velho e vasto, banhado de azul recente, como quem se despede do abandono.

Há muitos anos participei do nascimento de um jornal. A Gazeta do Braz levava o nome do bairro das antigas cantinas italianas, também num vetusto prédio, próximo do curtime de João Motta, nosso conterrâneo. Adriano de Sousa confirma o que me dissera Cassiano. Liberdade de texto e linguagem. De assunto e opinião. Acerto indispensável.

Na sala de parto, partes do rebento. Uma redação ainda sem o ramerrão típico, um silêncio entre murmúrios como suspiram as nascentes dos rios. Não posso dizer que me senti em casa. Espero que o tempo se encarregue e a convivência se acomode. Foi assim no colégio de padres, na Casa do Estudante, na Colônia Penal, no quartel do Exército e noutras redações de jornais. É sempre assim nos elevadores. Só que neles não há reencontro.

Na parede da redação, a bela e terrível frase de Luiz Maria Alves: “Jornal não é guardião da honra de ninguém”. Essa frase me envolve num conflito de formação. O jornalista que se hospeda na mocidade do meu peito gosta dela porque ele é filho do alvoroço da notícia, da pressa da informação. Mas o advogado de defesa que se encaifa no miolo da minha consciência se permite uma ressalva. Tudo bem. Que não seja guardião da honra, porém não seja estuário da desonra de ninguém. “Mas ele não brigava com a notícia”, o velho Alves.

Só serei digno de merecer a leitura se continuar fazendo do meu escrito a expressão das minhas convicções. Repito o que venho dizendo ultimamente. Era melhor nunca ter saído da ignorância. Porque ignorar é ser sadio. Evoluímos em tecnologia e civilização, mas regredimos em caráter e expressão humana. Perdemos a beleza do bruto e ganhamos a estupidez do bárbaro. Não crescemos. Esticamos para ocupar a cama de Procusto. Somos a pré-humanidade. A humanidade ainda não surgiu. Se continuarmos a tratar nossa ilha cósmica da maneira como fazemos, talvez a humanidade nunca sequer venha a existir. Seja apenas uma expectativa, a quem não foi dada a chance de nascer.

Vou tentar vestir roupa de domingo para falar de política, cultura, literatura e costumes. Não poderia recusar o convite. O meu lado, político do Rio Grande do Norte, é o lado de fora. Acho que os jornais estão perdendo sua utilidade e descendo a ladeira em busca da extinção. E não é culpa da internet. É culpa da picaretagem midiática e da notícia a serviço de negócios escusos ou de interesses políticos.

O problema da província é o caráter do provinciano. Não que seja melhor ou pior do que o caráter do metropolitano. O fato é que na metrópole o caráter individual se dilui no meio da coletividade e perde domínio. Na província, o caráter pessoal exerce uma influência que acaba modelando o caráter coletivo.

Um novo jornal ou uma revista nova merecem fumaça branca. Da chaminé de qualquer telhado. Tangida pelo vento que sopra sem distinguir a bandeira pendurada na cumeeira da rosa-dos-ventos.

Vim porque fui convidado. E no convite não há restrição de liberdade. Mas vim principalmente para colaborar com o jornal, não obrigatoriamente para concordar com ele. Mas prometo lealdade, presente obrigatório na mochila do convidado.

François Silvestre escreve neste espaço todas os domingos

Cartas

cartas@novojornal.jor.br

DO LEITOR

Sucesso

Jornalista Cassiano Arruda: O Lions Clube de Natal Reis Magos faz chegar-lhe as congratulações de seu quadro social, pelo início da circulação do “Novo Jornal”, desejando muito sucesso ao importante empreendimento. Saudações.

Carlos Alberto Barbosa, presidente

Êxito

Franklin Jorge: Cumprimento-o pela editoria social do NOVO JORNAL. O seu talento assegura pleno êxito nessa nova empreitada jornalística. O jornal está cada dia melhor. Parabéns. Que Deus o ajude!

Ney Lopes, advogado

Prazer

O jornal é um serpentário. Só tem cobra criada. Trouxe novos ingredientes ao jornalismo local, que andava muito precisado de sangue novo. Li-o com prazer.

Rafael Pinto

Bom

Bom demais. Sucesso!

Maristela Aguiar

NOVO

JORNAL

ASSINE JÁ:

3198.0500

Acabou-se o que era doce



NEY DOUGLAS/NJ

Fim da isenção do IPI derrubou as vendas de carros populares

Luana Ferreira, do Novo Jornal

LOJAS VAZIAS DE clientes e cheias de carro. O cenário das concessionárias de Natal está bem diferente de setembro, último mês de IPI reduzido. O Imposto sobre Produtos Industrializados foi diminuído em setembro de 2008 com o objetivo de aquecer a economia como antídoto para a crise financeira. O desconto foi repassado para os consumidores, que lotavam as lojas e amargavam semanas nas listas de espera. A demanda cresceu tanto que não havia carros suficientes. Nos veículos de mil cilindradas e caminhões, por exemplo, o IPI caiu de 7% para zero. De acordo com o Ins-

tituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), houve um aumento de 13,4% nas vendas do primeiro semestre de 2009, quando foram comercializados 1,422 milhão de veículos em todo o país.

"Aqui só tivemos crise de riso", brinca Ricardo Pacheco, gerente de uma concessionária. Ele espera aumentar as vendas para 700 carros por mês. Na época do IPI reduzido, eram 600 a 650 carros por mês.

A contar pelo movimento das lojas, vai ser difícil. "O fluxo aqui caiu 70% e as vendas devem cair 50%. Vou vender uns 20 casos em dezembro", diz o vendedor de outra loja, Rafael Lira*, num cálculo nada otimista. Será um Natal fraco, se comparado a agosto, quando, sozinho, fechou negócio

com 400 clientes.

O problema é que, depois dos exatos 12 meses e 9 dias de farrá do IPI, as concessionárias não se mobilizaram para continuar atraindo o consumidor.

"Na prática, não há nada de novo", resume Rafael Lira. As vantagens são as mesmas: parcelamento de até 72 meses e início do primeiro pagamento depois de quatro meses. Já o preço mudou. Para comprar um Fiat Uno básico, por exemplo, o consumidor deve desembolsar R\$ 900 a mais que há dois meses. Ele vale agora R\$ 21.900. As propagandas dizem que os juros estão menores e que as lojas estão valorizando mais o carro semi-usado do cliente. "O que passa na televisão é tudo lúndea", brinca Flávio Santana, que fazia a tradicional

peregrinação de busca de preços nas concessionárias. Por alguns momentos, era o único cliente nas duas lojas. Flávio foi para os EUA em 2002 para fazer pé de meia e acabou virando vítima da crise financeira. "Vim embora antes que ficasse sem a meia". Ele estava indeciso entre um Gol 2009, de R\$ 34.000, e um Palio 2010, de R\$ 29.000. Acabou se decidindo pelo mais barato. Saiu da concessionária direto para o banco, onde espera autorizar um empréstimo de R\$ 10 mil para dar de entrada. O resto será dividido em 60 parcelas de R\$ 573.

Ele terá que agir rápido, porque as alíquotas continuarão subindo, e puxando o preço dos carros para cima, até voltarem ao percentual normal em janeiro de 2010.

Crise não atingiu importados

Quando perguntei ao gerente da loja de automóveis pelas promoções de Natal, Divaldo Santiago - moreno, alto, cabelos cuidadosamente penteados para trás - sorriu, compreensivo. Parecia que eu falava em outra língua. Eu estava na PG Prime, vendedora das marcas de luxo Land Rover e Volvo. "Nosso produto é 'premium'. Não há necessidade disso porque não há concorrentes. É como se estivessemos vendendo uma joia". Para joias, a estratégia de fim de ano é diferente: pré-lançamento das linhas Discovery 4 e Ranger Rover 2010, show room diferenciado no Casablanca (ex-Alamanda Mall) e 54 outdoors distribuídos no litoral Sul durante o verão. "Você tem que transportar o cliente para um estilo de vida". Ele também já produziu jantares harmonizados com vinhos e almoços em churrascurias de luxo, mas deixou de lado quando começou a ser copiado por outras concessionárias. "Nós somos uma marca premium", repetiu. Não dá pra agir igual às outras.

Divaldo Santiago começou a trabalhar com carros de luxo em São Paulo em 1990. Quando decidiu voltar para Natal, há sete anos, tomou coragem e procurou um dos sócios da Audi. "Liguei para Ricardo Abreu e marcamos um encontro no restaurante do hotel em São Paulo. Começamos a conversar na fila do bufê e, antes de chegar ao fim da fila, ele disse 'por mim, está tudo certo'".

A voz firme e tranquila de Santiago não serve só para ganhar empregos. Ela virou trunfo durante a crise financeira mundial. A clientela classe A, que costuma investir em bolsas no exterior, perdeu muito dinheiro. O período era de incertezas. "Quatro clientes se lamentaram comigo por não ter usado o dinheiro para comprar um carro conosco". O discurso estava pronto. "Aproveitei para falar para os outros que eles deveriam investir no prazer, no conforto deles". A loja passou ilesa pela crise, mantendo a média de venda de 16 carros por mês desde setembro de 2008.

Agora, com o lançamento do Discovery 4 e Range Rover 2010, ele espera chegar a 22 carros por mês entre dezembro e fevereiro, quando a procura é maior. "Já temos 12 clientes na fila de espera". Eles nem chegaram a ver o carro ao vivo: os novos modelos ainda estão no meio do mar, atravessando o Atlântico de navio.

O veículo mais procurado é o Land Rover Discovery, que custa entre R\$ 190 mil e R\$ 265 mil de acordo com os itens de conforto - em concessionária de luxo, a palavra 'acessórios' vira palavrão. Os carros mais acessíveis são o Volvo XC60, a partir de R\$ 139 mil, e o Land Rover Freelander, a partir de R\$ 132 mil. O valor inicial do veículo mais caro, Ranger Vogue, é R\$ 400 mil. Melhor não imaginar quanto ficaria com os "itens de conforto".



Tudo fica melhor quando sua empresa cuida bem de você.

Unimed Empresarial. Você sente a diferença.

Quando uma empresa oferece Unimed aos seus colaboradores recebe de volta mais motivação, mais dedicação e mais comprometimento. Entre em contato com a gente. Está na hora de fazer diferente.



Ligue e agende uma visita:
3220.6200 | www.unimednatal.com.br

Agra e Estrutural. Construindo sonhos para você.



Para construir sonhos é preciso juntar desejos, erguer esperanças e planejar felicidades. Essa é a visão da Agra, que chega a Natal com a credibilidade que só uma das maiores incorporadoras do país pode oferecer para os natalenses. Com 13 anos de atuação, a Agra é referência em empreendimentos residenciais, comerciais e hoteleiros nas regiões sudeste, nordeste e norte do país. Com mais de 200 colaboradores e 10.000 trabalhadores indiretos, os canteiros de obra somam quase 2 milhões de m² em construção. Em 2009, em sociedade com a Veremonte, adquiriu o controle acionário das incorporadoras Abyara e Klabin Segall, passando a atuar em 17 estados brasileiros. Para tornar o sonho maior ainda, a Agra conta com a Estrutural, construtora local especialista em transformar o conceito de morar em viver bem, referência graças ao seu alto padrão de execução e satisfação de seus clientes. Empresas sólidas, unidas pela maior de todas as realizações: a sua felicidade.



| NOVELA | Dois anos depois de inaugurada, a obra ainda não trouxe os benefícios prometidos e tem muitas questões sem respostas

PONTE DE TODOS os enredos

Viktor Vidal, do Novo Jornal

Liberada ao tráfego na manhã do dia 21 de novembro de 2007 com algumas pendências em relação ao seu projeto e após seis dias de festividades de inauguração, a Ponte de Todos Newton Navarro, conhecida pelos natalenses como “ponte nova” ou “Forte-Redinha”, ganhou notoriedade nestes dois anos de funcionamento exibindo-se vistosa sobre o Rio Potengi. Erguida em ritmo lento, em meio a suspeita de superfaturamento e cheia de empecilhos que atrasaram a entrega, a obra que se transformou no maior cartão postal do governo Wilma de Faria tem, por outro lado, um histórico de problemas durante a construção e ainda não trouxe por completo os benefícios prometidos para o trânsito, o turismo e à população.

As duas principais críticas se referem à descontinuidade de duas obras importantes no projeto: os acessos viários e as proteções instaladas ao redor dos pilares para evitar que uma eventual colisão de navio abale a estrutura da ponte – tecnicamente chamadas de defensas. Ambos os serviços ficaram incompletos. No caso do acesso, no lado da Zona Norte, estava previsto um viaduto, mas foi improvisada uma rótula. Já as defensas, apenas a primeira foi concluída.

Idealizado pelo então prefeito de Natal Aldo Tinoco Filho, em 1993, o projeto de construção de uma segunda ponte de acesso à Zona Norte ficou quatro anos em “stand by” até ser trazido à tona na segunda gestão Wilma de Faria no município, três anos mais tarde. Iniciaria ali uma longa novela, protagonizada por brigas judiciais, atrasos e aumento de custos. Três anos de trabalho que resultariam num gigante de 170 milhões de quilos produzidos ao preço de

R\$ 194 milhões - excetuando-se os gastos com os acessos. Em seu aniversário de dois anos, a Ponte Newton Navarro divide hoje opiniões entre os beneficiados para quem conseguiu diminuir seu trajeto diário – a pé, de bicicleta ou carro – e críticas, sobretudo em relação ao reduzido número de linhas de ônibus.

Na ideia original, o projeto pensado por Aldo Tinoco previa uma ponte basculante, cujo tabuleiro móvel permitiria a passagem de navios de grande porte; além disso, acessos mais ousados nas duas cabeceiras e, ainda, um túnel entre as duas pontes, ligando o Baldo à Zona Norte, nas imediações do conjunto Panorama. “Mas chegamos à conclusão que a ponte basculante poderia ter problemas de engrenagem. Fiquei com medo. Foi aí que surgiu a ideia da ponte estaiada”, lembra o ex-prefeito. Após uma parceria de investimento com o governo chinês, a empresa Cejen Engenharia foi contratada para tocar as obras. Ao retornar à prefeitura, em 1996, Wilma de Faria fez uma nova licitação e a mesma Cejen Engenharia sagrou-se vencedora e começou a construir a ponte.

Ao tomar posse no governo, em 2002, Wilma de Faria publicou um destrato e pôs fim ao contrato com a Cejen porque a empresa não deu continuidade à obra, deixando-a incompleta na cabeceira do rio. O Governo do Estado, então, assumiu a responsabilidade da construção e em 2004 foi aberto um novo processo de licitação, cujos vencedores foram as empresas Queiroz Galvão e Construbase, que se uniram em consórcio para tocar a obra. A Cejen entrou na justiça contra o governo. Após três anos de construção e mudanças no projeto – uma delas chegou a alterar a altura da ponte –, o consórcio Queiroz Galvão entregou a ponte no dia 21 de novembro de 2007.

Obra está subaproveitada, diz presidente do Crea

Responsável pela execução de 87% das obras e pela entrega da ponte, durante os três anos e três meses que permaneceu como secretário estadual de Infraestrutura, o engenheiro Adalberto Pessoa, presidente do Crea, diz que a estrutura viária que marca do governo Wilma está subaproveitada. “A ponte era uma necessidade que a Grande Natal tinha, mas sua ocupação está muito baixa”, afirma, acrescentando que o trecho deve ser mais explorado pelo transporte coletivo.

Para Adalberto Pessoa, a conclusão das obras de acesso na Redinha, com a construção do viaduto, contribuiria para a solução desse problema. “O transporte público sobre a ponte ainda está muito precário, mas com a conclusão dos acessos isso seria resolvido.” Adalberto ressalta que, apesar de não ter dados técnicos sobre o fluxo no local, uma comparação com o trânsito na ponte de Igapó basta para constatar o problema.

Outra crítica que o ex-secretário faz é com

relação à falta das defensas nos pilares. Ele garante que deixou a primeira etapa da obra concluída antes de entregar a pasta. Quanto à segunda parte da estrutura, explica, faltam as guias móveis que servem para direcionar as embarcações de volta ao canal de navegação no caso de uma eventual colisão.

Sobre a ação que tramita na Justiça Federal, Adalberto Pessoa, se diz inocente e explica que assinou o pagamento de um serviço executado anos antes, pelo seu antecessor na secretaria, Gustavo Carvalho. Ele diz não concordar com os argumentos do Ministério Público de que houve pressa por parte do governo quando a gestão anterior iniciou uma medição nas obras sem a autorização da Codern. Já o deputado Gustavo Carvalho ressalta o “marco” que se transformou a ponte e diz que a obra está cumprindo seus objetivos iniciais. Sobre a ação, ele afirma: “tenho convicção de que seremos todos absolvidos”.



NEY DOUGLAS/NU

Para comerciantes, o lucro não chegou

Se é certo concluir que a ponte Newton Navarro melhorou a qualidade de vida da população da Zona Norte, encurtando o acesso para o centro da cidade e vice-versa, para os pequenos empresários e comerciantes da região, do ponto de vista econômico, a maior obra de infraestrutura que o governo realizou nos últimos anos ainda não trouxe os benefícios esperados.

“Depois desse verão, não vou renovar o contrato”, revela o comerciante Luís Carlos, que explora há dois anos e meio um bar na Redinha, com visão privilegiada para a ponte que não trouxe, até agora, o movimento de fregueses que ele sonhava. “Só abro no final de semana e na segunda-feira, pois no resto da semana não compensa”, lamenta.

Os comerciantes da Redinha e de outras praias do litoral Norte experimentaram, durante este período, a expectativa de melhorar o faturamento com a facilidade de acesso que a nova ponte deveria trazer. No entanto, amargam uma pontinha de decepção. Na Redinha Nova, os hotéis Redinha e Atlântico continuam fechados por falta de uma demanda que viabilize a reabertura dos empreendimentos.

“Nos dias que seguiram a inauguração, o movimento foi muito bom; depois, diminuiu 90%”, avalia Irineu Inácio Ribeiro, que há 17 anos toca um restaurante na Praia de Santa Rita. Segundo ele, a nova ponte sobre o rio Potengi ainda não trouxe um número significativo de novos moradores

para a comunidade, certamente desencorajados com a deficiência de infraestrutura, como iluminação precária, e índice de violência crescente. O movimento no seu estabelecimento ainda depende da presença de clientes de Natal, que aparecem, de vez em quando, “ainda bem”.

Empresário do ramo da construção civil, o espanhol Alberto Salvi trocou os negócios que tocava em Barcelona para trabalhar e viver no Nordeste brasileiro, optando pela praia de Genipabu pelos encantos naturais que oferece. Há um ano e dois meses ele administra o Bar e Restaurante 21, cartão-postal do litoral.

“Estou perdendo dinheiro a cada mês”, diz o empresário, ressentido pela falta de clientes. Segundo ele, a crise financeira que sacudiu o mundo e reduziu, drasticamente, o número de turistas estrangeiros no Brasil, constitui o principal fator de turbulência nos negócios. “Tenho total confiança de que esta ponte, no futuro, vai trazer mais turistas”, ressalta, acrescentando que “a obra é bonita e que a cidade precisava dela”.

O passeio de Buggy pelas dunas do litoral Norte, na verdade, continua atraindo os turistas que visitam Natal. “Mas eles não deixam lucro nos restaurantes de Genipabu”, explica o bugueiro Renato Camilo, há seis anos na profissão. Segundo ele, as praias de Redinha, Redinha Nova, Santa Rita e Genipabu servem apenas de “rota de passagem”, pois o destino final do passeio são Muriú e Jacumã. **(Moura Neto)**

Obras de acesso ainda não têm data para começar

Outro ponto previsto no projeto inicial da Ponte Newton Navarro que ainda não saiu do papel é o acesso para quem vem da Zona Norte. Ao contrário do viaduto que liga a ponte à praia do Forte, concluído na inauguração da obra, o outro lado ainda sofre com engarrafamentos provocados pela falta de organização do tráfego. O acesso seria, segundo o próprio governo, a solução para o problema. No entanto, na contramão dessa necessidade, as obras do novo viaduto ainda não têm data para serem iniciadas apesar das pro-

messas renovadas através da imprensa pelo Governo do Estado.

Segundo o secretário de Infraestrutura, Dâmocles Trinta, a SIN já mapeou a área com os 35 imóveis que serão desapropriados para dar lugar ao complexo viário. O problema é que parte do terreno pertence às Forças Armadas e, para o projeto ser iniciado, a Marinha precisa concluir um estudo da área para checar se o viaduto é compatível com o terreno. “Estamos aguardando essa caracterização da Marinha para dar entrada no processo das desapropriações na

Procuradoria Geral do Estado, a qual já pedimos agilidade por se tratar de uma prioridade do governo”, disse.

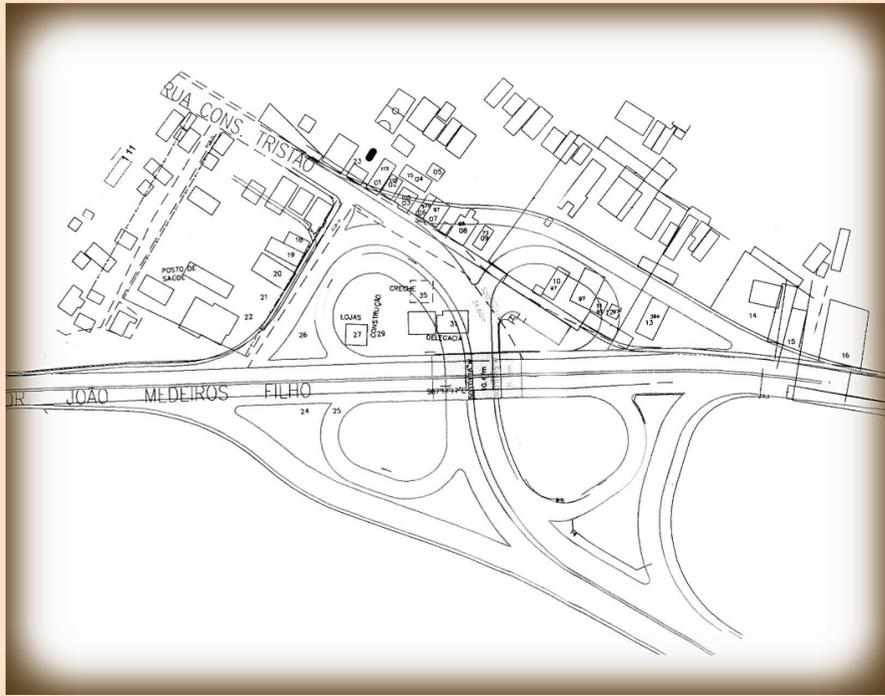
Dâmocles informa ainda que a verba para a construção do acesso, orçado em R\$ 4 milhões (90% dos recursos do Orçamento Geral da União), além de R\$ 1,1 milhão para as desapropriações, já está disponível. Sobre o prazo para o início das obras, recuou. “Já falei que começaríamos em outubro, novembro, dezembro e até agora não conseguimos. O que posso garantir é que, segundo a empresa respon-

sável pela construção, assim que começar a obra deve ser concluída em 90 dias”, disse.

Indagado sobre o porquê da demora na construção do acesso, se já se sabia que parte do terreno pertencia à Marinha, o subsecretário de obras da SIN, Carlos Alexandre Duarte, jogou a responsabilidade para a gestão passada da pasta. “O que posso dizer é que desde maio, quando assumimos, estamos priorizando isso. Não podemos responder pelo secretário anterior”, disse, em referência ao antigo titular da pasta, Adalberto Pessoa. **(Rafael Duarte)**

O projeto

O acesso que ligará a ponte Newton Navarro a Zona Norte de Natal será semelhante ao que já existe do outro lado, na praia do Forte. Na obra, orçada em R\$ 5,1 milhões, está incluso um viaduto sobre a avenida João Medeiros Filho, além de quatro alças para o escoamento do tráfego. Paralelo a João Medeiros, as ruas Conselheiro Tristão e Moema Tinóco, que ainda possuem trechos de barro próximos a ponte e seguem até a localidade de Lagoa Azul, já na BR-101, serão pavimentados e duplicados. No entanto, o projeto, que terá recursos do Pro-Transporte, espécie de financiamento federal em obras de infraestrutura de transporte coletivo urbano, também não tem data para ser concluído. “Nesse caso também existem imóveis para serem desapropriados. Também estamos na fase de conclusão do projeto executivo e do licenciamento ambiental”, disse.



ARGEMIRO LIMA/NU

“Estou perdendo dinheiro a cada mês”

Alberto Salvi
Dono de restaurante

O anúncio de inauguração da ponte trazia promessas e compromissos do governo associados à obra. Dois anos depois, veja o que aconteceu.

Acessos

Ao contrário do viaduto que liga a ponte à praia do Forte, concluído na inauguração da obra, o outro lado ainda sofre com engarrafamentos provocados pela falta de organização do tráfego. As obras do novo viaduto ainda não têm data para serem iniciadas.

Turismo e empregos

Não há como mensurar esse tipo de benefício, mas dois hotéis na Redinha Nova estão fechados por falta de demanda que viabilize a reabertura. Comerciantes do litoral norte dizem que a expectativa de que eles tinham em relação a lucros após a ponte não se confirmou até agora.



REPRODUÇÃO

Investimentos

Os custos da obra quase dobraram de valor depois que parte da ponte precisou ser refeita por erros de cálculo. Ao todo, foram gastos R\$ 194 milhões, mas ainda falta investir no restante dos acessos e na instalação das defensas.

Trânsito

O engenheiro Adalberto Pessoa diz que a estrutura viária que a ponte está subaproveitada. “Era uma necessidade que a Grande Natal tinha, mas sua ocupação está muito baixa”, diz, acrescentando que o trecho deve ser mais explorado pelo transporte coletivo, que opera com apenas duas linhas de ônibus.

Defensas

Apenas a primeira etapa das estruturas de proteção dos pilares – as defensas – foi concluída. A segunda parte, as guias móveis, servem para direcionar as embarcações de volta ao canal de navegação em caso de colisão. Nada foi iniciado.

PONTE DE TODOS
INVESTIMOS 194 MILHÕES DE REAIS PARA LIGAR DOIS PONTOS: O PRESENTE AO DESENVOLVIMENTO.

INAUGURAÇÃO HOJE ÀS 19h30

GOVERNO DE TODOS
Trabalhando por você

A Ponte de Todos Newton Navarro está concluída e vem sendo muito elogiada por quem passou por ela. Não apenas os passageiros, mas também os empresários e comerciantes da região. É a maior obra já feita para melhorar a infraestrutura e o desenvolvimento econômico. A Ponte de Todos vai direcionar a atenção para o desenvolvimento econômico e social da Grande Natal. A Ponte de Todos vai direcionar a atenção para o desenvolvimento econômico e social da Grande Natal. A Ponte de Todos vai direcionar a atenção para o desenvolvimento econômico e social da Grande Natal.

Cejen retira material da ponte inacabada

Silvia Miranda, do Novo Jornal

Dez anos após o início da construção da antiga ponte Forte-Redinha, os materiais que pertencem à construtora Cejen, responsável pela obra inacabada, começaram a ser recolhidos, mas os blocos de concreto ainda deverão permanecer no mesmo local. Segundo o secretário municipal de Obras Públicas e Infra-Estrutura (Semopi), Demétrios Torres, existe uma pendência jurídica que impede a demolição do concreto. “A justiça liberou apenas a retirada do material de posse da Cejen”, acrescenta.

A construtora deve concluir até o final de novembro a remoção de materiais como guias, pontes rolantes, ferragens e equipamentos que seriam utilizados na obra, conforme o proprietário da Cejen, Ceciliano Ennes. “Eles foram abandonados e saqueados, nós pretendemos armazená-lo em Curitiba (PR) e reaproveitá-lo”, aponta.



A construtora deve concluir até o final de novembro a remoção de materiais como guias, pontes rolantes, ferragens, que serão transportados para Curitiba

“Pela nossa conta, o prejuízo foi de R\$ 25 milhões”

CECILIANO ENNES

Amargando um prejuízo de R\$ 25 milhões investidos no primeiro projeto que começou a ser executado ao lado da Ponte de Todos Newton Navarro, o engenheiro Ceciliano Ennes, proprietário da Cejen Engenharia, se diz traído pelo poder público do Rio Grande do Norte. Sua empresa venceu duas vezes a licitação para construir a ponte, mas acabou perdendo a concessão quando Wilma de Faria assumiu a responsabilidade da obra, à frente do governo do estado. Na época, pesou contra o empresário o argumento de não cumprir o prazo previsto no contrato.

Enquanto aguarda a liquidação do processo de indenização, Ennes dispara críticas contra a obra executada pelo consórcio Queiroz Galvão/Construbase. “É um total desperdício ao erário”, afirma. Ele garante que o custo da Ponte de Todos é o dobro do valor que a Cejen gastaria para erguer uma ponte com seis faixas de rolamento – a Newton Navarro tem quatro –, além de trevos de acesso, iluminação e demais projetos da área lindeira ao redor: restaurante, parques.

Como o senhor se sentiu, na época, após vencer duas concorrências, começar a construir a ponte e depois perder a concessão?

A palavra certa é “traído” uma vez que a Cejen esgotou todos os recursos próprios para construção da ponte. Porque nosso projeto era com investimentos próprios e não dinheiro público. Foi apresentada à prefeitura proposta para criação de SPE visando captação de recursos para finalização do projeto sendo que a prefeitura sequer respondeu ou comentou sobre a viabilidade de sua criação, optando pela decretação da intervenção ilegal na concessão sem antes concluir o processo administrativo, ou seja, a Cejen não teve o direito de defesa.

O senhor considera alto o valor de R\$ 194 milhões gastos para erguer a ponte estaiada?

O valor é alto. Além disso, envolve uma técnica com custos desproporcionais ao que se espera de um projeto que pretenda administrar bem as verbas públicas. É o dobro do valor que custaria com seis faixas de rolamento, além de trevos de acesso, iluminação da ponte e demais projetos da área lindeira ao redor: restaurante, parques; como previa o projeto da Cejen. De nada adianta fazer pontes luxuosas se falta verba para saúde e educação.

A Cejen tem contabilizado o prejuízo com o que foi gasto na ponte?

Sim, vinte e cinco milhões de reais de investimentos diretos, no ano de 2002, isso sem falarmos em lucros cessantes quando da intervenção ilegal da prefeitura no Contrato de Concessão.

Quais os principais erros que o senhor aponta no processo de construção da ponte estaiada?

Não seria um erro de projeto e sim um desperdício do alto investimento e utilização do dinheiro público para construir a ponte com apenas quatro faixas de rolamento e não seis como prevê o projeto da Cejen, que foi deixado de lado pelo governo, sem sequer aproveitar a estrutura já levantada por nós, mesmo após nossa oferta de fornecer gratuitamente o projeto básico, objeto do Edital 001/04, adequado às novas necessidades de largura e estética do vão central, ou seja, total desperdício do erário público.

O senhor acredita que houve interferência política na decisão da governadora em excluir a Cejen do processo?

Sim, não só da governadora como de toda sua equipe política.

Por qual motivo?

A decisão de fazer outra ponte e não aproveitar a estrutura existente foi a principal razão.

Que tipo de interferência?

Na época eu não consegui entender o motivo de querer fazer outra ponte e não aproveitar a já em construção. Existem processos de improbidade administrativa correndo na justiça federal sobre o superfaturamento e o direcionamento da licitação conforme já divulgado.

Em que pé está o processo de indenização movido pelo senhor?

O prejuízo é relevante e já foi definido pelo Poder Judiciário. Necessitamos apenas da liquidação da parte já transitada em julgado das decisões. Na conta da empresa, chega a R\$ 25 milhões de investimentos diretos. Além disso, houve recursos aos tribunais de Brasília, em que defendemos o aumento da indenização com a inclusão de lucros cessantes e danos morais pelo ato arbitrário e ilegal no processo de intervenção instaurado pela prefeitura em 2002.

“Alertei às autoridades sobre a segurança da ponte”

UBIRAJARA FERREIRA DA SILVA

Autor da ideia de se construir uma ponte estaiada sobre o rio Potengi, o engenheiro Ubirajara Ferreira da Silva transformou-se num crítico ferrenho das obras da Ponte de Todos Newton Navarro. Dois anos após a inauguração, ele volta a fazer um alerta sobre a segurança da ponte. Diz que as torres não podem sofrer ações violentas de forças provenientes de um eventual impacto de navio.

“Alertei, por várias, as autoridades responsáveis por meio da eficiente colaboração da imprensa de Natal sobre esse assunto. E não adiantou coisa alguma”, lamenta. Ele ainda critica o aumento dos custos na construção da ponte e, principalmente, a descontinuidade das obras dos acessos. “É inacreditável que já decorridos dois anos, os acessos, tanto do lado da Redinha como do lado de Natal, não tenham sido projetados e executados para que, juntos com a ponte, se tenha um adequado projeto paisagístico urbano integrado ao tráfego e ao ambiente”, afirma.

Qual avaliação o senhor faz após dois anos de construção da ponte?

Posso afirmar com convicção que eu e toda a população da minha terra Natal, estamos orgulhosos da monumentabilidade da obra de engenharia que vem desempenhando suas funções viárias previstas com pleno sucesso. Quando tenho a oportunidade de contemplá-la, sou envolvido por uma sensação agradável de que algo do meu trabalho profissional de prancheta, no que tange à concepção estrutural estaiada e ao excelente partido arquitetônico adotado para o local mais privilegiado da cidade de Natal, a entrada da barra, foi fincado para sempre.

Qual a verdadeira história da escolha da solução em ponte estaiada?

O então prefeito Aldo Tinoco me convidou para participar do projeto básico da ponte sobre o rio Potengi. A prefeitura já tinha uma proposta de ponte em estrutura metálica. Ao tomar conhecimento da mesma, argumentei tecnicamente que tal proposta era inviável, sendo de imediato descartada pela prefeitura. A partir daí, como conhecia muito bem o Rio Potengi, onde remei, pelo Centro Náutico Potengi por vários anos, mergulhei na busca de uma solução técnica de ponte, que contemplasse o trinômio: estética, viabilidade construtiva e custo. Portanto, esse foi o caminho inicial percorrido e dedicado da solução adotada com ponte estaiada.

Podemos dizer então, que a solução estaiada é de sua autoria?

Sim. Com a escolha definitiva do eixo longitudinal de transposição da ponte e a manutenção do mesmo, onde foi construída a obra atual, foram feitos os levantamentos topográficos, o perfil do fundo do rio (batimetria) e alguns furos de sondagens. Com as medidas do gabarito de navegação fornecido pela Codern, com 50 metros de altura e 100 metros na horizontal, lancei o sistema estrutural em ponte estaiada com o comprimento total de 1620,00 metros e contendo um vão de 320 metros sobre o canal, objetivando, tão somente, a não construção de proteção das torres a impacto de navio, que são muito caros e enfariam a obra.

Você, por vários anos foi um verdadeiro fiscal da ponte. Por quê?

Várias foram as razões. A principal delas foi não concordar como engenheiro especializado em

estruturas de pontes em concreto com o aumento do número de pilares dentro do rio e também a diminuição do vão de navegação previsto no projeto básico com 320 metros para os 212 construídos. Com tal diminuição do vão, as fundações das torres estão executadas dentro do canal de navegação, portanto sujeitas a impacto de navio.

Quer dizer que a obra está com a segurança duvidosa?

Lamentavelmente sou levado a dizer que, especificamente, as torres não podem sofrer ações violentas de forças de impacto de navio, porque não obedecem as prescrições das Normas Técnicas Internacionais de Segurança. A falsa proteção contra impacto de navio já executada com chapas de aço e amortecedores de borracha, ligadas aos grandes blocos de fundação das torres da ponte, não resolvem o delicado problema. Foi na verdade perda de tempo e de dinheiro do contribuinte menos avisados. A única solução para garantir a segurança da obra seria o emprego de duquesdálbas, a exemplo da ponte Rio Nireroi. Alertei, por várias, as autoridades responsáveis por meio da eficiente colaboração da imprensa de Natal sobre esse assunto. E não adiantou coisa alguma.

Quanto ao custo final da obra, quais as razões do aumento?

Na verdade um acréscimo de cerca de 60% do valor licitado não tem sido comum. Ao que sei, a Codern, depois da licitação, achou por bem aumentar a altura do gabarito de navegação de 50m para 55m. Com isso, a extensão da ponte construída aumentou para cerca de 1837,00m. Também o número de fundações aumentou e os comprimentos das estações dentro do rio passaram do previsto com 40m para 57m. Possivelmente essas modificações, fora de época, possam justificar o custo final da obra. Tais ponderações somente podem ser pertinentes se esclarecidas mediante uma investigação adequada.

E os acessos à ponte?

É inacreditável que já decorridos dois anos, os acessos, tanto do lado da Redinha como do lado de Natal, não tenham sido projetados e executados para que, junto com a ponte, se tenha um adequado projeto paisagístico urbano integrado ao tráfego e ao ambiente. Vamos aguardar pacientemente.

PERGUNTAS QUE O GOVERNO DO ESTADO NÃO RESPONDE

O NOVO JORNAL procurou ouvir a governadora Wilma de Faria sobre as questões relacionadas à obra da Ponte de Todos Newton Navarro que ainda não foram completamente explicadas. Em contato com a Assessoria de Comunicação do Governo do Estado, foi orientada a encaminhar as perguntas por e-mail. Até o fechamento da edição, porém, as respostas não chegaram.

Após dois anos da inauguração, a senhora acredita que a Ponte de Todos Newton Navarro cumpriu seus objetivos nas áreas social, turística e de transporte?

O governo tem números de quantos empregos foram gerados em função da ponte e quantos empreendimentos turísticos foram construídos no litoral norte?

Por que a ponte saiu pelo dobro do custo previsto inicialmente?

Por que os acessos ainda não concluídos como prevê o projeto?

Não seria mais interessante ter concluído as obras do acesso, no período de construção da ponte, antes da inauguração?

Na avaliação da senhora, houve falta de planejamento?

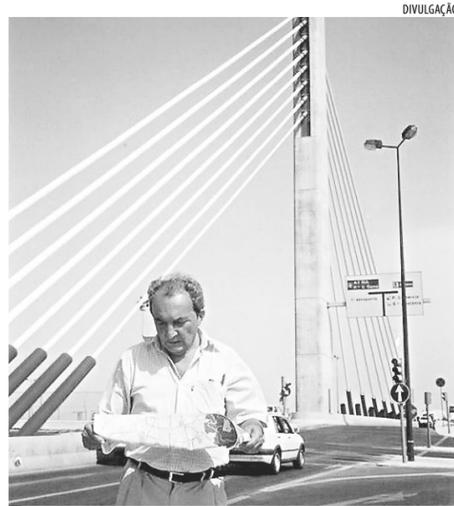
Como foi a decisão de lançar um edital de concorrência que restringia a disputa a apenas duas empresas em todo o Brasil e as duas (Queiroz Galvão e Construbase) se uniram num consórcio?

Qual a providência que a senhora tomou quando o Ministério Público Federal, baseado em levantamento do Tribunal de Contas da União, denunciou superfaturamento na construção?

Como a senhora fica diante de ex-auxiliares do Governo terem virado réus no processo?

A senhora acha que a Ponte de Todos Newton Navarro deve ser um tema de debate na próxima campanha eleitoral?

Do seu ponto de vista, a Ponte de Todos Newton Navarro vai dar ou tirar votos na campanha da senhora em 2010?



Ubirajara Ferreira: arquiteto

| PERFIL | Paixão pelos quadrinhos levou Adriano da Costa a trocar montagem de computadores por emprego em livraria

Viciado em HQ



Fábio Farias, do Novo Jornal

ADRIANO DA COSTA tem 30 anos, 650 quadrinhos (e não gibis!), 350 livros na sua casa na Zona Norte e lê durante quatro horas e 30 minutos todos os dias. Para isso, ele não vê TV. É um fanático por histórias em quadrinhos e por literatura russa. Despercebido entre estantes e obras diversas,

Adriano é funcionário da livraria do Midway Mall há oito meses e representa com precisão uma geração que curte a linguagem dos HQs.

Natural de São Paulo, mais especificamente da cidade de Diadema, Adriano veio morar em Natal há cerca de 10 anos, depois de se encantar com a beleza da capital potiguar. Ele se mudou com a irmã e a mãe (o pai continua em São Paulo) e terminou o ensino médio na Escola Estadual Wiston Churchill.

O dinheiro que conseguiu trabalhando com montagem e manutenção de computadores o levou a abandonar os estudos: "A área de informática me rendeu uma boa grana". Depois de trabalhar cerca de oito anos na área, decidiu mudar e foi parar entre as estantes que tanto curte. "Eu gosto mesmo é de trabalhar com as pessoas", conta Adriano, que tem 1m85 de altura e um timbre de voz parecido com o dos locutores de rádio.

INFLUÊNCIAS DO PAI

Não foi só o fato de gostar das pessoas que o levou para a Siciliano; o vício em livros e quadrinhos também pesou nessa decisão. Adriano sente-se à vontade em meio às suas paixões. Aproxima-se da estante de quadrinhos e, como bom vendedor, conta a história de Maus, uma graphic novel do autor norte-americano Art Spiegelman sobre os abusos contra os judeus na Alemanha nazista, baseado nos relatos do pai, que viveu no país naquela época. "O Spiegelman redesenhou esse quadrinho várias vezes, para ficar como o pai dele

dizia", conta.

O gosto de Adriano por HQs, especificamente pelas chamadas graphic novels, que unem a linguagem dos quadrinhos ao suporte do livro, começou com o pai, um gerente de segurança, quando Adriano tinha ainda 10 anos de idade. Ele conta que o estilo do pai é mais tradicional ("tipo Marvel"), enquanto ele gosta muito dos contemporâneos. Frank Miller, Will Eisner e Klaus Johnson são alguns dos autores curtidos por ele. "Acho Batman - Cavaleiro das Trevas fantástico", afirma, quando questionado qual é o seu preferido.

Apesar de ter todas as características definidoras da figura (inclusive o desejo de iniciar sua formação em Engenharia da Computação), ele não se considera um nerd. Gosta de interagir com as pessoas, desse tipo de relação, não de ficar trancafiado em casa. Pelo grau de leitura, pensa "em escrever alguma coisa algum dia, não agora."

NAMORADAS TOLERAM

Adriano diz que nunca sofreu preconceitos e nem foi considerado infantil por pretendentes que descobriram o gosto dele por HQs. "Sei que tem muita aversão a isso, pensam que é coisa de criança, mas nunca sofri com isso", afirma. "Minhas namoradas nunca implicaram com esse gosto".

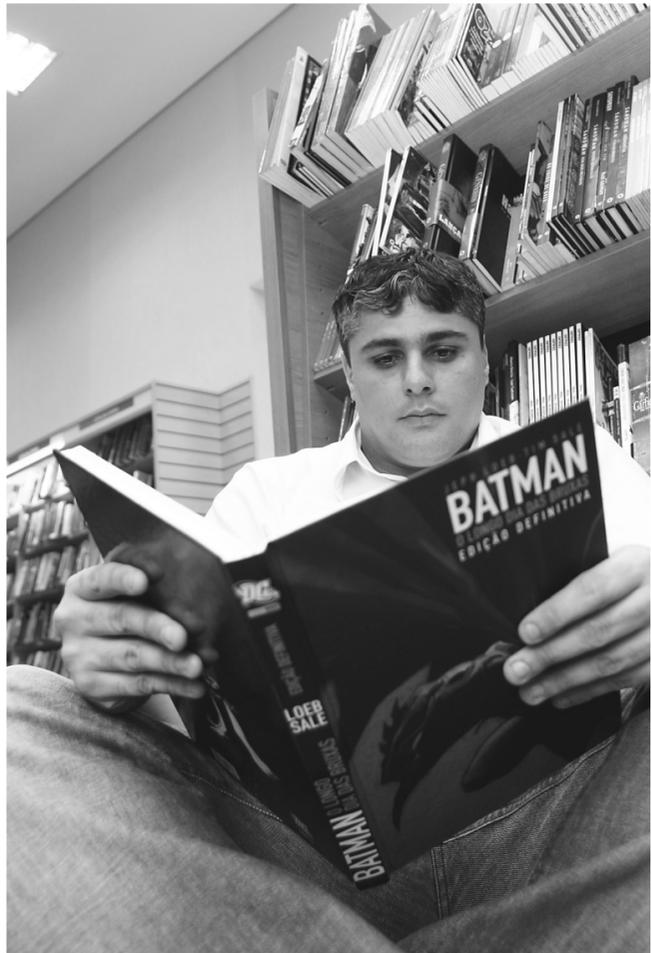
Como todo fã de quadrinhos, Adriano acompanha atentamente as adaptações das histórias para o cinema. Segundo ele, a procura por HQs na livraria sempre aumenta quando um filme novo é lançado: "Sin City, por exemplo, foi bem procurado depois do filme".

Dentre as adaptações que viu na tela, cita Sin City como a favorita. Para ele, a parceria de Frank Miller (criador da HQ e roteirista do filme) com Zach Snyder (diretor), dois fãs de HQs, funcionou muito bem no cinema. Ele cita também Batman e Watchman como boas adaptações: "Mas os quadrinhos são sempre melhores". E lamenta o resultado da transposição do Homem-Aranha: "Mudaram algumas coisas, poderiam ter mostrado histórias melhores".

Sobre a produção potiguar de quadrinhos e lojas como a GHQ, Adriano diz que não conhecia quase nada: "Só soube de uma HQ que lançaram tempos atrás de autores daqui." E se espantou com o fato de ter havido no RN uma loja especializada no assunto, a GHQ, hoje restrita à internet. "Vou procurar saber mais sobre isso", promete, como todo bom fanático pelos quadrinhos.



AUGUSTO RATIS/NJ

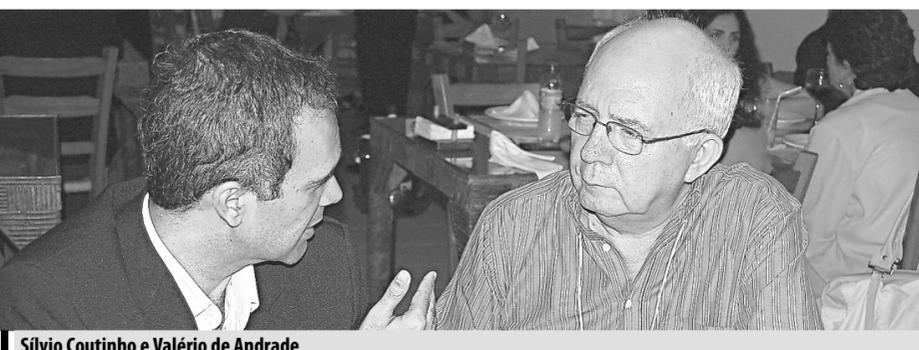


Adriano da Costa: "Sei que tem muita aversão, pensam que é coisa de criança, mas nunca sofri com isso"



FESTNATAL

FOTOS: D'LUCA/NJ



Silvío Coutinho e Valério de Andrade



Fátima Sampaio,
Cid Moreira,
Micarla de Sousa,
Miguel Weber
e o ator Elias
Gleiser



Camila Cohen, Vinícius Melich, Júlio Protásio, Sandra Lopes e Silvío Coutinho



Fátima Sampaio e Cid Moreira

LANÇAMENTO DO LIVRO JORGE FERNANDES - OBRA COMPLETA

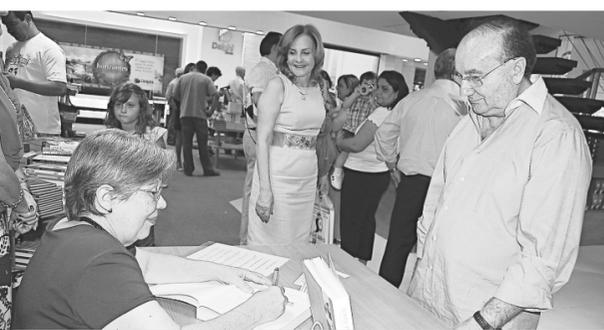
FOTOS: D'LUCA/NJ



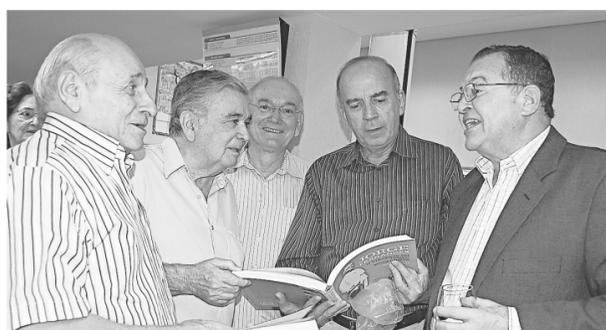
Lourdes Alves e Salette Queiroz



Hermano Moraes e Júlia Arruda



José Dias e Maria Lúcia Garcia



Filgueira, Dalton Melo, Geraldo Queiroz, Valério Mesquita e Cláudio Emerenciano



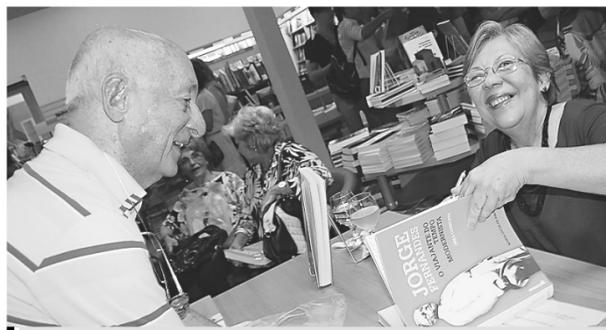
Ótom Anselmo e Ângela Paiva



Walter Fernandes, Cristina Miranda, Daniel e Walter Neto



Roberto Lima, Maria Lúcia Garcia e Ticiano Duarte



Coronel Leite e Maria Lúcia Garcia

ROTEIRO

CINEMA



SINÉDOQUE, NOVA YORK – 18 anos. Cinemark: 14h

LUA NOVA – Cinemark: 12h - 14h40 - 17h40 - 20h40 - 23h40 (DUB), 13h - 13h30 - 15h40 - 16h10 - 18h40 - 19h10 - 21h40 - 22h10 - 0h30 (LEG). Moviecom: 13h30 - 16h - 18h30 - 21h - 23h20 (DUB), 11h30 - 14h - 16h30 - 19h - 21h30 - 0h (LEG).



CÓDIGO DE CONDUTA – 16 anos. Cinemark: 15h - 17h10 - 21h55. Moviecom: 19h35 - 21h45

OS FANTASMAS DE SCROOGE – 10 anos. Cinemark: 16h40 - 18h55 - 23h30. Moviecom: 13h35 - 15h35 - 17h35

BESOURO – 14 anos. Cinemark: 12h20 - 19h30 - 0h15. Moviecom: 15h50 - 17h45 - 19h40 - 21h35

JOGOS MORTAIS VI – 18 anos. Cinemark: 11h20 - 21h10
2012 – 12 anos. Cinemark: 11h - 14h05 - 14h50 - 17h20 - 18h20 - 20h50 - 21h35 - 0h10. Moviecom: 14h10 - 17h15 - 20h20 - 23h20 (DUB) 15h - 18h05 - 21h10 (LEG)



UM ROMANCE DE GERAÇÃO – 14 anos. Moviecom: 15h20 - 20h

BOCA A BOCA – Livre. Moviecom: 11h

FESTNATAL

O Festival de Cinema e Vídeo de Natal (FestNatal), apresenta hoje o filme *Elvis e Madona*, de Marcello Laffitti. Ingressos a R\$ 1. Moviecom: 15h20 - 17h40 - 20h

MÚSICA

SOM DA MATA – Com preços populares, a Orquestra Sanfônica Potiguar apresenta-se no Parque das Dunas, a partir das 16h.

DO SOL – Encerrando o projeto Festival DoSol Música Contemporânea, as bandas Onofre (RN), L.A.B. (RS) e a cantora Simona Talma (RN) se apresentam na Casa da Ribeira a partir das 19h.

ESPETÁCULO

O MÁGICO DE INOX – Uma releitura do clássico "O Mágico de Oz" é a atração no Teatro Alberto Maranhão.

O VODU DAS FUNDAÇÕES

| ABULIA | O xaveco dos presidentes

Tiago Lopes, do Novo Jornal

AS INSTITUIÇÕES DE fomento à cultura das esferas municipal e estadual, respectivamente, Fundação Capitania das Artes (Funcarte) e Fundação José Augusto (FJA), vêm sendo alvos de críticas quase unânimes da classe artística local de que nunca funcionaram tão mal como no último ano.

Por mais que seus gestores procurem se defender, o abandono de projetos culturais tradicionais e a ausência de novas propostas de trabalho são provas irrefutáveis da crise enfrentada pelo setor.

O jornalista Tácito Costa, um dos mais atentos observadores da cultura local, tendo servido durante 15 anos a gestões anteriores da FJA, faz uma análise bastante pessimista da gestão atual. Ele afirma que a FJA vem “deixando morrer” os projetos que sustentava há anos, sem apresentar nenhuma idéia nova. Tácito cita o encolhimento do projeto Seis e Meia, a inexistência de plano editorial durante todo este ano, além do abandono das casas de cultura e a descontinuidade da revista Preá como três faltas graves.

O Seis e Meia, em seu aniversário de 15 anos, foi desativado dois meses antes do fim do prazo normal por falta de recursos e devendo tanto a artistas locais como nacionais. A mais recente edição da Preá foi lançada em fevereiro, mas problemas com a licitação da edição de março se arrastam até hoje.

Tácito afirma que a causa maior desses entraves é a ausência de uma política cultural imune aos humores de prefeitos e gover-

nadores. “Todo presidente de fundação fica sempre com o pires na mão. Na hora que pede, se a prefeita não tiver de bom humor, diz ‘não’ e pronto”.

O compositor Romildo Soares, que já teve a sua obra gravada pelos principais artistas locais, se apresentou no Seis e Meia no início de setembro e até hoje não recebeu seu pagamento. “Com as fundações, sempre teve essa distância entre fazer um show e receber o pagamento”, lamenta. Romildo também alega que a relação dos artistas com as fundações já foi mais fácil, mas, “há quase um ano, as coisas estão muito estranhas e ninguém dá nenhuma explicação”.

Além do atraso do pagamento, Romildo ainda aguarda a entrega do Prêmio Núbia Lafayette, do qual foi um dos ganhadores em abril, com a quantia de R\$ 5,5 mil para a gravação do seu primeiro CD. “Quando ao Seis e Meia, eles disseram que pagariam em dez dias. O prêmio veio sair agora no começo de novembro”. Questionado sobre se o atual momento é o pior já experimentado pela cultura local, Romildo responde com um enfático “sim”.

Quanto a Funcarte, cujo presidente foi empossado há apenas três semanas, Tácito Costa afirma veementemente que a situação só tende a piorar. “As perspectivas não são boas para a Funcarte. Rodrigues é um estranho no ninho da cultura”. Ele relembra as entrevistas concedidas pelo novo presidente em seu dia de posse. “O cara chegou falando que ia misturar evento turístico com cultural, não tem como isso dar certo. Ele e essa política são reflexos da ignorância cultural da atual gestora”, opina.



Rodrigues Neto, da Capitania das Artes: contra os “eventos elitistas”



Crispiniano Neto, da Fundação José Augusto: “Hoje não existe mais isso de pedir dinheiro no balcão”



Tácito Costa, jornalista que atua na área cultural: “Todo presidente de fundação fica com pires na mão”

Gestores se defendem

Tanto Crispiniano Neto, da FJA, quanto Rodrigues Neto, da Funcarte, admitem a desaceleração de programas do setor, mas usam como justificativa o fato de estarem, pela primeira vez, organizando a máquina interna dos órgãos, culpando a herança de gestões passadas pela desorganização encontrada quando assumiram seus postos. O motivo comum é o clientelismo sob o qual as duas fundações funcionaram por muito tempo. “Hoje, não existe mais isso de você chegar aqui e pedir dinheiro no balcão”, afirma Crispiniano, dizendo que, no local dessa velha prática, foi instalada uma série de regras que vem sendo cumpridas de acordo com a lei, “com todo o peso da nossa burocracia”.

O presidente da Funcarte quer, nos próximos seis meses, regularizar a situação de todos

os funcionários da fundação, que hoje, só possui três servidores concursados e uma grande maioria de terceirizados. “Não tem como um órgão funcionar com essa desorganização, com um bocadinho de gente amontoada de outras áreas sem nenhuma regularização”. Para isso, Rodrigues já está articulando com as secretarias de Planejamento e Tributação o lançamento de um concurso público, que deve acontecer daqui a seis meses, para regularizar a situação de todos da Funcarte. “Isso é a atual prioridade da fundação”, explica Rodrigues. Será que dá para manter viva a mínima atuação da Funcarte junto à cultura local, paralelo à organização interna? Rodrigues afirma que sim.

Críticas

Ele é consciente das críticas que vem sendo feitas pelos artistas e observadores do meio cultural à sua pessoa, mas não se importa. “Estou cagando e andando pras coisas que dizem sobre mim. Sou jornalista, trabalho há 25 anos com jornalismo cultural”. Essa é sua resposta de algibeira quando criticado por sua inadequação ao cargo que ocupa. Ele afirma que sempre foi ligado a grupos de dança e de teatro da cidade. Quer que o maior legado da sua administração seja o apoio às manifestações culturais das quatro zonas de Natal que, segundo ele, nunca receberam a devida atenção. “Nós temos aí o coco, os artesanatos de bairro, tudo isso está morrendo”.

O apoio está falindo?

Crispiniano culpa a recente crise econômica pelos reverses da FJA, especialmente o Seis e Meia e a ausência de reforma em prédios históricos e espaços de uso comum, como a Biblioteca Câmara Cascudo e a Cidade da Criança. Ele afirma que a diminuição no valor dos repasses do Fundo de Participação dos Municípios fez com que o corte de verbas atingisse, principalmente, a área de cultura. Mas esses dois espaços já estão com as obras de reforma licitadas. Devem iniciar no primeiro semestre de 2010.

Questionado sobre uma possível falência das instituições de apoio à cultura, Crispiniano nega. Ele alega que, no ano passado, aconteceram 25 apresentações do Seis e Meia, só em Natal. Esse ano foram feitas 36, 18 em Natal e 18 em Mossoró. “Achamos melhor parar

antes pra conseguir pagar os atrasados e evitar a contração de novas dívidas. Mas fizemos foi expandir o projeto”.

Sem teto

Quanto as Casas de Cultura, ele diz que nunca houve uma paralisação das oficinas e programações oferecidas nesses locais. A ressalva é a Casa de Cultura de Macau. “O teto caiu, tentamos uma licitação de emergência que não foi concedida, e tivemos que ir pelo caminho da licitação normal, por isso a demora”, justifica. A ausência da impressão de livros também foi outro infortúnio. A máquina da gráfica que havia sido recentemente adquirida, chegou com defeito. O prazo para realizar a troca foi o motivo da demora em colocar a gráfica para funcionar.

Já Rodrigues concorda que há uma falência nas instituições de apoio à cultura. Mas que sua gestão tentará reverter esse quadro, apoiando, principalmente, “as manifestações da nossa terra, e não esses eventos elitistas, que admito que são importantes, mas que merecem menos apoio, porque podem se sustentar sozinhos”. E quais são esses eventos elitistas? “Prefiro não falar, mas são essas coisas todas envolvendo acadêmicos. Veja bem, acho que eles têm a sua utilidade, mas podem acontecer sem o apoio das instituições, que estão aí para dar voz à cultura da nossa terra”. Como a macumba? “Isso também. Isso é cultura sim, é a nossa raiz”.

“Estou cagando e andando pras coisas que dizem sobre mim; trabalho há 25 anos com jornalismo cultural”

Rodrigues Neto, Funcarte

Para Crispiniano Neto, culpa das dificuldades enfrentadas pela Fundação José Augusto é da crise econômica

| PERFIL | Ídolo americano é lembrado pela Câmara Municipal

CIDADÃO MOURA

FICHA TÉCNICA

Nome: Carlos Moura Dourado
Nascimento: 17/08/1964
Naturalidade: Brasília
Altura: 1,74m
Peso: 70 quilos
Posição: meia-atacante

MOURA NO FUTEBOL:

Guará/DF
Tiradentes/DF
São José dos Campos/SP
Sport/PE
Cerezo Osaka/Japão
Paysandu/PA
América/RN

MOURA EM NÚMEROS:

99 jogos pelo Campeonato Brasileiro
31 jogos pela Copa do Brasil
61 jogos pela América em competições nacionais
300 é o número aproximado de gols que fez.



Bruno Araújo, do Novo Jornal
Fotos: **Augusto Ratis**

UM GAROTO DE 17 anos que compartilhava o mesmo sonho de milhares de outros de sua idade: ser jogador de futebol. Hoje, 28 anos depois, Carlos Moura Dourado, ou simplesmente Moura, como é conhecido pela torcida do América, apesar de ter deixado os campos do futebol profissional, não deixa sua paixão de lado e segue tentando descobrir novos talentos no esporte, como coordenador das categorias de base da equi-

pe americana, primeira e única casa do jogador no futebol potiguar.

Artilheiro e líder por onde passou, em 20 anos de carreira Moura trabalhou por vários clubes do país, sem contar com a peculiar experiência no Japão. Dono de um toque de bola elegante, ele foi “responsável” pela categoria das cobranças de falta do meia Juninho Pernambucano, ex-Vasco e Seleção Brasileira.

Carreira

O ex-jogador começou sua jornada nas quatro linhas aos 17 anos, na equipe do Guará/DF, clube no qual se profis-

sionalizou como atacante. Aos 23 anos e ávido por uma oportunidade, passou ao Tiradentes/DF e lá ficou por dois anos (1988/89), oportunidade em que foi artilheiro do Campeonato Candango.

Em 89, o jovem Moura foi transferido para a equipe de São José dos Campos, do interior paulista. No ano seguinte, conquistou o acesso à Série A do Brasileiro. Devido a sua atuação, foi levado por Leão para o Sport/PE. Em 91/92, foi bicampeão jogando pela equipe pernambucana. Não bastassem os títulos com a camisa rubro-negra, foi artilheiro do Pernambuca-

no com 26 gols. Dois anos depois, foi para o outro lado do mundo para defender as cores do Cerezo Osaka.

Terremotos e Jornal Nacional

No Japão, o ídolo americano teve algumas de suas experiências mais peculiares. Assim como nos clubes anteriores, ergueu mais uma taça junto com seus companheiros de equipe, desta vez, de campeão nacional. Contudo, foram os terremotos e tufões que marcaram a passagem dele pelo oriente. “Vivíamos alertas. Várias vezes tivemos jogos cancela-

dos por conta de terremotos e tufões. Corríamos para nos abrigar e garantirmos nossa segurança”, conta.

Se os desastres naturais eram motivo de preocupação, era a saudade da família e do país que derrubavam o craque. “Um grupo de brasileiros jogava lá na época. Lembro que a gente recebia, uma vez por semana, fitas cassete com gravações de novelas, telejornais”, revela o jogador, lembrando que quando os pacotes chegavam, as fitas eram divididas e revezadas entre eles. “Era a forma que tínhamos para matar as saudades que sentíamos de casa”, desabafa.



Mestre nas faltas

Antes de sua experiência na Terra do Sol Nascente, em 1993, Moura lembra do jovem que o assistia cobrar faltas depois do treino. Das categorias de base e chegando para renovar o elenco pernambucano, Juninho treinava com o experiente meiocampista as cobranças e dava seus primeiros passos no futebol. “Fiquei muito feliz quando, antes da Copa de 2006, ele disse numa entrevista que tinha aprendido a bater falta comigo”, disse orgulhoso, enquanto assistia a uma partida entre jovens em um campo de futebol no Parque dos Coqueiros, na zona Norte de Natal.

Do Sport ao América

Ao voltar do Cerezo Osaka, em 1995, Moura retornou à Ilha do Retiro e acabou transferido para o Paysandu, por onde teve uma rápida e discreta passagem. Mais uma vez de volta ao Leão da Ilha, acabou saindo do clube para abrir espaço para novos talentos, como Juninho Pernambucano.

Foi nesta oportunidade em que veio para o alvirrubro potiguar, em 1996. Logo em sua chegada, ajudou o time a conquistar o título estadual e a vaga na Série A do Campeonato Brasileiro, com o vice-campeonato da Segundona. “No estadual, conseguimos vencer o segundo turno e levar o título, na decisão do campeonato”, lembrou o jogador, mas logo após o fim da competição voltou para Pernambuco.

Com o início da Série B e a pressão da torcida pelo retorno do atleta, a diretoria acabou atendendo ao pedido dos americanos e trouxe de volta o “Craque do Campeonato”, título dado ao jogador ao final do certame. “Voltei para cá e com um elenco de muitos jogadores formados na casa e trazidos da região. Vencemos quase todos os nossos jogos em casa, bediscamos pontos fora e, assim, conseguimos o acesso”, conta ele, que dois anos depois foi campeão da Copa do Nordeste.

Treinador?

Após deixar os campos de futebol, em 2001, o “Príncipe Negro da Pousada”, como foi batizado por um radialista local devido à classe com que atuava dentro das quatro linhas, não conseguiu se desligar do esporte e permaneceu no América.

Desde que parou de jogar, o cadango com jeito tranquilo de baiano assumiu o comando técnico do clube em três oportunidades: na Copa do Nordeste (2001), em dois jogos da Série B (2006), além de algumas partidas do Estadual (2008). Questionado se guarda mágoa por não ter sido efetivado no cargo em nenhuma dessas passagens, ele ressalta que nunca foi seu objetivo. “Nunca quis ser treinador. Quiseram me efetivar, mas não era o que eu queria. Se fosse, teria me qualificado para isso”, afirma.

“Nunca quis ser treinador. Quiseram me efetivar, mas não era o que eu queria”

Saída tardia

Em sua longa carreira no futebol, Moura lamenta apenas o tempo, para ele excessivo, que permaneceu em Brasília. Como atleta, ressalta que, dentro de suas possibilidades, conseguiu conquistar muito e é feliz pelo que conseguiu fazer no esporte. No entanto, foi a demora para buscar novos horizontes que pode ter atrapalhado um pouco sua carreira. “Ter saído tarde demais de Brasília pode ter sido um fator para não ter conseguido um destaque maior, mas sou muito satisfeito com o que fiz, principalmente as amizades que conquistei”, garante.



Moura e a bola, uma amizade que o tempo não conseguiu abalar

Amor à camisa

Para o ex-meiocampista do Sport/PE – que em 1998 foi homenageado por ter disputado todo o Brasileiro sem receber nenhum cartão amarelo –, falta identificação dos atletas com o clube nos dias de hoje. Ele lembra que, no tempo em que jogava, os contratos geralmente duravam dois, três anos, mas que, agora, o jogador passa muitas vezes apenas dois meses num clube. “Antigamente o jogador da casa era valorizado. O América em 96 tinha seis ou sete atletas da casa. Eram caras que davam o sangue pelo time”, defende.

No entanto, ele reconhece a dificuldade para revelar jogadores, devido à instituição da Lei Pelé. “O futebol se tornou um esporte caro. Tá difícil se formar jogadores, pois às vezes com 14 anos ele sai de um time do Nordeste para outro da região Sul-Sudeste. Aos 18, está fora do país”, lamenta.

Emoção em campo

Sobre os gols e as melhores atuações dele, o agora cidadão natalense – foi homenageado recentemente com o título pela Câmara Municipal do Natal – não titubeia ao lembrar dois gols, dentre os quase 300 que fez em sua carreira, como os mais bonitos. “Pelo América, fiz um contra o Cruzeiro, em 1997, por cobertura. Dida era o goleiro e estava saindo do gol, dei uma tapa na bola e o encobri”, narra.

A outra ‘pintura’ relatada por ele foi uma jogada em que dominou a bola na própria intermediária e saiu driblando todo o time do Náutico, para finalizar na saída do goleiro. “Na época, jogava pelo Sport/PE e o gol foi escolhido pelo Fantástico como o mais bonito da rodada”, orgulha-se.

SÉRIE A | Flamengo terá público recorde para incentivá-lo a chegar à liderança hoje

CASA CHEIA

NA PENÚLTIMA RODADA

do Campeonato Brasileiro de 2008, após estar ganhando por 3 a 0, o Flamengo cedeu o empate para o Goiás no Maracanã e deixou escapar uma vaga no grupo que se classificou à Copa Libertadores. Quase um ano depois e agora com reais chances de conquistar o título da competição, a equipe carioca quer evitar ser surpreendida novamente pelos goianos dentro de casa. O jogo de hoje será às 18h30 e é válido pela 36ª de 38 rodadas.

Antes de entrar em campo, é provável que os jogadores já saibam do resultado do confronto entre Botafogo e São Paulo, cujo resultado interfere diretamente na disputa pela taça. Caso os rubro-negros vençam no Maracanã, poderão assumir a liderança do torneio, mas para isso precisam primeiro torcer por um tropeço dos paulistas, que jogam às 16h no Engenhão.

O técnico Andrade não poderá contar com o volante Maldonado, que será operado por conta de uma lesão no ligamento do joelho esquerdo. O jogador se machucou no amistoso do Chile contra a Eslováquia, na última terça-feira, e ficará afastado dos gramados por pelo menos quatro meses. O meia Everton, com fratura no pé direito, e o zagueiro reserva Fabrício, com uma luxação no ombro direito, também estão vetados pelo departamento médico do clube.

Por outro lado, o lateral-esquerdo Juan, que cumpriu suspensão contra o Náutico, e o meia Fierro, que também estava na seleção chilena, retornam à equipe. Outra novidade será a presença do volante Kleberson, recuperado de uma luxação no ombro. Ele deve ficar como opção no banco de reservas, já que Toró foi confirmado pelo treinador como substituto de Maldonado.

“Não tenho dúvida de que a união é o nosso diferencial. O grupo está fechado. Num momento de pressão, normalmente acontece o desequilíbrio. Nós vivemos acontecer com nossos adversários, e é preciso que sirva de exemplo. Aqui não pode ter esse tipo de problema. É preciso ter equilíbrio e administrar a ansiedade. Vai ser um jogo difícil, mas temos que fazer o nosso dever de casa”, falou Andrade.

No Goiás, o único desfalque será o meia Romerito, que recebeu o terceiro cartão na vitória contra o Santo André. Absolvidos pelo STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva) durante a semana, os zagueiros Ernando e João Paulo estão liberados para atuar.

Com 60 pontos, o Flamengo é atualmente o vice-líder da competição, enquanto o Goiás, com 50, ocupa a nona posição na tabela.



Torcida enfrenta fila gigante para garantir ingresso no Maracanã

Vitória depende só de si

Com 44 pontos e o 13º lugar na tabela do Campeonato Brasileiro, o Vitória recebe o Barueri no estádio Barradão, hoje, às 18h30, precisando dos três pontos para afastar de vez a possibilidade de rebaixamento. A partida também é importante para o time paulista, que busca uma vaga na Sul-Americana 2010.

Embora esteja cinco pontos à frente do Fluminense, time com melhor pontuação entre os ocupantes da zona de descenso, o Vitória ainda não tem permanência garantida na elite do Nacional. O técnico Vagner Mancini sabe que uma eventual

derrota em casa para o Barueri pode deixar o clube em situação bastante complicada na reta final do campeonato.

Com 48 pontos e praticamente livre do rebaixamento, o Barueri ocupa o 11º lugar na tabela e pretende fazer sua estreia em torneios internacionais no ano que vem. “Vamos atrás da vaga na Sul-Americana. Temos um jogo difícil, contra um concorrente direto pela classificação, então vamos manter a mesma pegada e dedicação”, afirmou ao site oficial do clube o atacante Val Baiano, artilheiro do time na competição com 15 gols.

Fluminense faz mistério

O técnico Cuca decidiu fazer mistério sobre a escalação do Fluminense para o confronto de hoje contra o Sport na Ilha do Retiro, às 16h. A equipe carioca precisa da vitória contra o lanterna e já rebaixado Sport para continuar na disputa pela permanência na primeira divisão em 2010, mas terá três desfalques entre jogadores considerados titulares.

Machucados, o atacante Maicon e o zagueiro Digão estão fora. Já o volante Diguinho cumprirá suspensão pelo terceiro cartão amarelo.

Em 17ª na tabela, a equipe está invicto há oito jogos no Brasileiro, com três empates e cinco vitórias. Com 39 pontos, o Fluminense está a dois pontos do Botafogo, primeira equipe fora da zona de descenso.

O Sport também terá três desfalques para o jogo de hoje. O zagueiro Durval, expulso no empate por 2 a 2 com o Palmeiras, está suspenso, assim como o goleiro Magrão, que levou o terceiro cartão amarelo. Hamilton, também suspenso, deixa o meio-campo para a volta de Andrade.

Santo André deve vencer e torcer

O Santo André aposta as últimas fichas para evitar o rebaixamento, hoje, no estádio Bruno José Daniel, onde recebe a equipe do Avaí. Com 35 pontos, o clube corre o risco já neste fim de semana. A equipe precisa da vitória, pois estará rebaixada em caso de um empate com os catarinenses combinado a um triunfo do Botafogo sobre o São Paulo, no Engenhão.

Se mesmo assim o time perder, só restará torcer por uma vitória são-paulina no Rio, além de um tropeço do Fluminense contra o Sport, em Recife.

O técnico Sérgio Soares continua com problemas. O lateral esquerdo Ávine é dúvida. Se ele for vetado, Arthur deve assumir a posição novamente. Também em recuperação, Gustavo Nery e Sidnei continuam afastados.

Se vencer o Santo André, o Avaí volta à briga por uma vaga na Libertadores.

Atlético-MG e Inter jogam valendo vaga na Libertadores

Atlético-MG e Inter tentam permanecer vivos na briga pelo título do Campeonato Brasileiro hoje, no Mineirão. Com 56 pontos - seis atrás do líder São Paulo -, as equipes chegam à antepenúltima rodada com chances matemáticas de ainda alcançar o topo da tabela.

Mas só a vitória interessa: além de seguir na cola do clube paulista e do vice-líder Flamengo, a equipe que levar a melhor no Mineirão assumirá o terceiro lugar, hoje ocupado pelo ex-líder Palmeiras - passo fundamental para também se estabelecer na zona de classificação para a Libertadores nesta reta final.

“Dentro de casa, a gente precisando do resultado, temos que ter uma postura de uma equipe que quer, desde o

início do jogo, buscar o resultado, vencer”, disse o meia Ricardinho, do Atlético-MG.

No Inter, que tem vantagem sobre o rival no saldo de gols, o técnico Mário Sérgio também cobrou um triunfo. “O time tem que saber arriscar na hora certa, mas também não pode trazer o Atlético para o nosso campo defensivo. Por conta desta situação de partida decisiva, nosso objetivo é pontuar de qualquer maneira”, disse.

O treinador fez mistério sobre o esquema tático, mas tudo indica que desta vez irá manter a base do time que venceu o Santos por 3 a 1 no último fim de semana, em Porto Alegre. Assim, Marquinhos deve formar novamente a dupla de ataque ao lado de Alessandro. A novidade é a volta de Welton Felipe à defesa.

de olho na folia

AO VIVO DE SEGUNDA A SEXTA A PARTIR DAS 12h15

EM CASA OU EM QUALQUER LUGAR.

Entrevistas, celebridades, bandas, promoções e dicas para você curtir o Carnatal 2009

DE OLHO NA FOLIA CANAL 3 E TV A CABO 16

CARNATAL É BAND NA CABEÇA 2009

BAND

FICHA TÉCNICA	
FLAMENGO	Bruno, Leonardo Moura, Álvaro, Ronaldo Angelim e Juan; Aírton, Toró, Willians, Petkovic e Zé Roberto; Adriano. Técnico: Andrade
GOIÁS	Harlei, Vitor, Ernando, Rafael Tolói e Júlio César; Rithely, Fernando, Léo Lima e Fernandão; Felipe e Larley. Técnico: Hélio dos Anjos
LOCAL:	estádio Maracanã no Rio
HORA:	18 e 30h (de Brasília)
ÁRBITRO:	Leandro Pedro Vuaden (RS)

OUTROS JOGOS	
Santos x Coritiba	Local: Vila Belmiro, às 16h
Botafogo x São Paulo	Local: Engenhão, às 16h